



**Centro Universitário de Brasília**  
**Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

**RODRIGO LOPES DE AGUIAR**

**LINGUÍSTICA DO HOMEM CORDIAL: O CAMPO POLÍTICO E O  
DISCURSO DO DEPUTADO ROBERTO JEFFERSON**

**Brasília**  
**2012**

**RODRIGO LOPES DE AGUIAR**

**LINGUÍSTICA DO HOMEM CORDIAL: O CAMPO POLÍTICO E O  
DISCURSO DO DEPUTADO ROBERTO JEFFERSON**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)  
como pré-requisito para obtenção de  
Certificado de Conclusão de Curso de  
Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão  
de Texto: Gramática, Linguagem  
Construção/Reconstrução Significado.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Vieira  
Nunes Gomes

**Brasília  
2012**

**RODRIGO LOPES DE AGUIAR**

**LINGUÍSTICA DO HOMEM CORDIAL: O CAMPO POLÍTICO E O  
DISCURSO DO DEPUTADO ROBERTO JEFFERSON**

Trabalho apresentado ao Centro  
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)  
como pré-requisito para obtenção de  
Certificado de Conclusão de Curso de  
Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão  
de Texto: Gramática, Linguagem  
Construção/Reconstrução Significado.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Vieira  
Nunes Gomes

Brasília, 06 de dezembro de 2012.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

---

Prof. Dra. Francisca Cordélia Oliveira da Silva

## **AGRADECIMENTOS**

Finalizo o curso de especialização revivendo os meus tempos de criança, quando eu ainda julgava ser melhor para minha educação levar para a escola diariamente todos os livros de que dispunha, quando eu julgava ser melhor para a minha saúde carregá-los em uma mochila de peso semelhante ao meu. Hoje, vejo que o caminho acadêmico não é diferente: ao mesmo tempo, ele eleva nosso conhecimento e testa nossa sanidade. Mas há poucas coisas tão gratificantes. Por isso, agradeço:

Aos meus pais, pela dedicação e pelo amor que me permitem chegar a qualquer lugar;

À Fred e Rosi, companheiros de todos os verões.

Aos amigos, com as desculpas pelo tempo negado.

Aos colegas do curso de especialização, pelos debates que me proporcionaram alguns saltos de conhecimento.

À professora Patrícia, por aceitar o convite da orientação e por me acompanhar nesta jornada sem perder o jeito doce e o foco preciso.

Obrigado, a todos, por confiarem neste trabalho!

*Meu coração tem um sereno jeito  
E as minhas mãos o golpe duro e presto,  
De tal maneira que, depois de feito,  
Desencontrado, eu mesmo me contesto*

Chico Buarque de Holanda, *Fado Tropical*

*Nenhuma literatura vale uma amizade.*

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

Esta pesquisa estabelece um paralelo entre o homem cordial, conceito central da obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, e as representações mentais perceptíveis nas expressões linguísticas dos falantes, a fim de determinar as formas linguísticas presentes nas manifestações de cordialidade entre os brasileiros. Essa relação é desenvolvida com o suporte da Linguística, para determinar de que maneira a língua cria conexões mentais, e da seleção lexical, como ferramenta de demonstração do uso planejado de palavras e de expressões na organização do discurso. Após a demonstração do impacto e da importância de *Raízes do Brasil* e do conceito de homem cordial na cultura e no imaginário coletivo brasileiro, a pesquisa analisa a linguística do homem cordial de modo amplo, revisitando as relações entre língua e cordialidade propostas por diversos autores, e de modo específico, apresentando o repertório lexical extraído do discurso de defesa do deputado Roberto Jefferson, proferido na Câmara dos Deputados em 2005, durante o escândalo do Mensalão. O conjunto de dados reunidos na análise permite a demonstração da atualidade do conceito de Holanda e das estratégias cordiais discursivas presentes no cotidiano brasileiro, tornando possível a reflexão sobre as relações entre cordialidade e língua no contexto brasileiro.

**Palavras-chave:** Raízes do Brasil. Homem cordial. Linguística. Seleção lexical. Discurso político.

## ABSTRACT

This research establishes a parallel between the *cordial man*, which is the central concept in the book *Raízes do Brasil* (*Roots of Brazil*), written by Sérgio Buarque de Holanda, and the mental representations that are perceptible in the speakers' linguistic expressions, in order to determine the linguistic forms present in the manifestations of cordiality between Brazilian people. This rapport will be developed based on Linguistics, with the purpose of determining how language creates mental connections, and the lexical selection, as a demonstration device of the planned use of words and expressions in the speech organization. After the demonstration of the impact and importance of *Raízes do Brasil* and the concept of cordial man in the culture and collective imaginary of brazilians, the research will analyze the cordial man linguistics in a broad perspective, by revisiting the relations between language and cordiality proposed by several authors, and specifically, presenting the lexical range drawn from Roberto Jefferson's defense speech, declaimed in the House of Representatives in 2005, during the "Mensalão" scandal. The dataset gathered in this analysis will allow the reflection on the concept proposed by Holanda and the cordial strategies in Brazilian daily life.

**Key words:** Raízes do Brasil. Cordial man. Linguistics. Lexical selection. Political speech.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS.....	11
METODOLOGIA.....	13
1 A HERANÇA DE <i>RAÍZES DO BRASIL</i> E O UNIVERSO DO HOMEM CORDIAL .....	16
1.1 Raízes do Brasil: legado .....	16
1.2 O nascimento e a sobrevivência do homem cordial .....	21
1.2.1 O cordial Malasartes: entre o mito e a realidade .....	25
1.2.2 Contemporaneidade do homem cordial.....	27
2 O HOMEM CORDIAL E A LÍNGUA .....	31
2.1 O aporte da Linguística .....	31
2.2 Seleção lexical.....	34
2.3 Língua cordial?.....	36
2.3.1 Língua e literatura: a cordialidade do léxico .....	40
2.3.2 Outros movimentos linguísticos da cordialidade.....	44
3. LINGUÍSTICA DO HOMEM CORDIAL: O CAMPO POLÍTICO E O DISCURSO DE ROBERTO JEFFERSON.....	46
3.1 A república cordial.....	46
3.2 Discursos políticos cordiais: o caso de Roberto Jefferson.....	48
3.2.1 Estratégia 1: nominativos .....	58
3.2.2 Estratégia 2: qualificativos .....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	73



## INTRODUÇÃO

No dia 27 de março de 2012, o *Jornal das Dez*, da emissora Globonews, anunciava em sua abertura duas reportagens sobre a vida política brasileira. Na primeira delas, a apresentadora Carla Lopes afirmava: “A saúde e a cordialidade acima de velhas diferenças políticas: o ex-presidente Fernando Henrique visita o ex-presidente Lula no hospital”. A imagem que segue é a de um amigável aperto de mãos entre os dois últimos chefes de Estado antes de Dilma Rousseff. No anúncio da reportagem subsequente, o apresentador João Borges fazia a seguinte ponderação: “Mas a cordialidade passou longe de uma Câmara de Vereadores no interior de São Paulo, e a sessão em Itatinga teve que ser interrompida por causa de uma pancadaria”. Ilustravam a chamada imagens de dois vereadores trocando socos no centro do plenário.

A cordialidade é uma referência constante no imaginário coletivo brasileiro, utilizada comumente como um dos elementos de caracterização nacional, ao lado de atributos como a hospitalidade, a alegria e a força de vontade — elemento inspirador de frases quase axiomáticas como “o brasileiro não desiste nunca”. Assim como qualquer outro povo, buscamos a individualização por essa série de atributos sintetizantes, e o nosso “perfil” é o resultado da presença desses elementos e da ausência de outros, em uma espécie de “fórmula” para a descoberta de uma identidade (DAMATTA, 1986, p. 14).

No caso brasileiro, a presença da cordialidade entre os elementos definidores nacionais deve-se em grande parte aos estudos elaborados pelo historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda<sup>1</sup> em torno da figura do “homem cordial”, investigada como parte de uma reflexão maior, sobre as próprias origens brasileiras, na obra *Raízes do Brasil*<sup>2</sup>. A inegável presença do homem cordial entre as linhas demarcadoras do nosso país tem relevante posição: para Holanda, a cordialidade seria a “contribuição brasileira para a civilização” (HOLANDA, 2011, p. 146).

---

<sup>1</sup> Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo em 1902 e faleceu em 1982. Além de *Raízes do Brasil*, é autor de *Caminhos e Fronteiras* (1956) e de *Visão do Paraíso* (1958), entre outras obras.

<sup>2</sup> Apesar de publicada pela primeira vez em 1936, tomaremos como referência de pesquisa o texto da segunda edição de *Raízes do Brasil*, de 1947, que apresentou uma série de modificações em relação ao escrito original, tornando-se a versão definitiva e, portanto, a mais acessível ao público leitor.

Entretanto, a descrição apresentada por Holanda sugere um homem cordial pautado por um atributo fundamentalmente emotivo, com envolvimento “de coração” nas relações cotidianas, em detrimento da racionalidade em todos os níveis. Nesse sentido, o composto emotivo certamente pode apontar para a gentileza e para a bondade, como se extrai de uma análise superficial, mas também tornará possível a reação violenta e negativa, posto que todos esses sentimentos podem surgir de um mesmo coração.

Seguindo esse raciocínio, caso fosse possível a Sérgio Buarque de Holanda assistir ao *Jornal das Dez* daquele dia, não teria o historiador paulista indagado se as duas situações seriam manifestações de uma mesma cordialidade? À primeira vista, os dois casos parecem opostos pelo ambiente de ocorrência e pelas atitudes dos personagens em cena; todavia, são duas imagens de um mesmo contexto — a política —, com demonstrações igualmente emotivas. O quadro ganha novos contornos quando partimos para o campo das intenções: poderíamos imaginar, por exemplo, que o gesto aparentemente sincero e bondoso de Fernando Henrique Cardoso tem por objetivo o ataque a grupos políticos que não vislumbram ou condenam uma aliança entre líderes de ideologias políticas opostas, representando um verdadeiro movimento político, mais importante que a simpatia cordial; por outro lado, o conflito corpo a corpo entre os vereadores paulistas pode sugerir um tipo de reação violenta ao ataque à honra do vereador e de seus pares, tornando-se a pancadaria um exemplo de defesa de sentimentos nobres, como a amizade. Estaria ali, em ambas as situações, o homem cordial, disfarçado de bondade ou de violência.

A reflexão sobre a situação elencada acima indica três pontos de investigação. O primeiro diz respeito à complexidade da ideia da cordialidade como traço específico do brasileiro, tratado principalmente por Sérgio Buarque de Holanda, mas verificado em outros autores, como Gilberto Freyre e Roberto DaMatta — este último, trazendo para o debate outros elementos, como a malandragem e o “jeitinho” brasileiro. O segundo ponto remete à atualidade do conceito da cordialidade e à presença do espírito cordial em nossos dias nos mais diversos níveis, mas sobretudo naquele evidenciado pelo jornal televisivo: o domínio político, setor abundantemente acompanhado e questionado na vida cotidiana do Brasil.

Há ainda um terceiro ponto, fruto dos dois apontamentos anteriores e tomado como central nesta pesquisa: se aceitarmos o homem cordial como tentativa válida de entender o brasileiro como povo, haverá a possibilidade de investigar formas concretas de expressão desta mentalidade cordial, inclusive nos usos da língua que remetam ao espírito cordial, em uma relação associativa entre expressão linguística e representações mentais.

Cercando-se das informações e questionamentos anteriores, o presente trabalho apresenta como tema as relações entre a figura do homem cordial brasileiro e as representações linguísticas presentes na personalidade cordial, especialmente no meio político brasileiro. A investigação, focada em estabelecer uma relação direta entre as manifestações de cordialidade presentes nas manifestações de língua, terá como pano de fundo o próprio conceito de homem cordial e a sua atualidade, elemento que inclusive supera o debate presente em *Raízes do Brasil*<sup>3</sup>.

A abordagem associativa entre a língua e a “personalidade coletiva” no Brasil deixa transparecer um primeiro pressuposto, válido para toda a pesquisa: através da análise de elementos linguísticos em determinado contexto, é possível evidenciar marcas das representações mentais presentes nos falantes — no caso deste estudo, essencialmente as marcas de cordialidade presentes na língua. A fundamentação teórica deste pressuposto virá da Linguística, que se preocupa com as relações entre linguagem e pensamento, tendo como referência a língua em uso efetivo (SILVA, 1997), considerando ainda a seleção lexical, que aponta para a escolha de palavras com determinada finalidade comunicativa.

Subtrai-se desse pressuposto a hipótese de que a combinação entre as características psicológicas e comportamentais verificadas no homem cordial, estudadas por Holanda e por outros autores, e a análise das formas de linguagem utilizadas em determinados ambientes comunicativos revelará evidências de cordialidade presentes na língua. Trocando em miúdos: se o homem cordial pensa, movimenta-se e age frente a diversas situações sociais, então ele necessariamente utiliza determinadas construções linguísticas que o

---

<sup>3</sup> Como será apontado no próximo capítulo, Sérgio Buarque de Holanda previa a extinção deste tipo brasileiro com a crescente modernização nacional, negando desta forma a possibilidade de sobrevivência da cordialidade como tônica das relações sociais contemporâneas.

evidenciam. A hipótese será testada primeiramente por meio da análise de autores que, em maior ou menor grau, estudaram as implicações linguísticas relacionadas às características cordiais e, secundamente, através da análise do discurso de defesa do ex-deputado Roberto Jefferson, proferido na Câmara dos Deputados no dia 14 de setembro de 2005, ápice do escândalo do Mensalão<sup>4</sup>.

O presente tema surgiu da profundidade teórica contida em *Raízes do Brasil*, ensaio inaugural do historiador paulista, publicado em 1936 e ainda alvo de constantes releituras e debates, sobretudo em relação ao conceito central e polêmico do homem cordial. As discussões em torno do conceito, no entanto, não costumam apresentar como foco principal as possíveis formas de expressão da cordialidade; este trabalho, portanto, surge como tentativa de compreensão da movimentação linguística em torno da lógica cordial. A escolha do discurso de Jefferson como *corpus* de estudo também encontra justificativa na dimensão do escândalo político do Mensalão e as estratégias de ataque e de defesa presentes nos discursos políticos daquele momento, além da atualidade do caso, que foi julgado pelo STF em 2012.

## PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS

A possível funcionalidade da construção de uma descrição linguística para um tipo sociológico revela-se também o principal desafio da pesquisa, tendo em vista que a maioria das análises propostas para entender o homem cordial buarqueano não se preocuparam com as implicações linguísticas do conceito, apesar de eventualmente abordá-las, como podemos verificar na análise de Rocha, antecipando por conveniência a temática de nosso estudo: “Em sua gramática afetiva, [*o homem cordial*] conjuga todos os verbos, mas sempre na primeira pessoa do plural, pois costuma agir tendo como base laços de amizade” (ROCHA, 1998, p. 26).

Assim, em uma perspectiva multidisciplinar, caminharemos na direção desta “gramática cordial”, buscando evidências na língua que corroborem para a

---

<sup>4</sup> O *Mensalão*, neologismo derivado do termo *mensal* (*mensal* + *ão*), é o nome geralmente dado ao esquema de compra de votos de parlamentares, supostamente ocorrido entre 2005 e 2006, época da primeira gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva. Entre os 38 indivíduos formalmente acusados pela Procuradoria-Geral da República no processo em curso no Supremo Tribunal Federal, estão o ex-ministro da Casa Civil no governo Lula, José Dirceu, o assessor de Dirceu, Rogério Buratti, além do presidente do PTB, Roberto Jefferson, também um dos denunciadores do esquema.

conceituação do traço de cordialidade. A problematização, portanto, surge em torno desse desafio: quais são os elementos linguísticos que evidenciam a personalidade cordial do brasileiro? De modo mais específico, no caso concreto de análise, o domínio político, estabelece-se o seguinte problema: quais elementos linguísticos do discurso de Roberto Jefferson demonstram a cordialidade na cena política brasileira?

Distanciando-se significativamente dos estudos mais relevantes sobre o tema, sem entretanto negá-los, a presente pesquisa toma o conceito da cordialidade brasileira sob o prisma da língua, buscando fundamentalmente ampliar os estudos históricos sobre a personalidade cordial brasileira, trazendo um enfoque linguístico ao debate. O principal objetivo deste estudo é apresentar o repertório linguístico do homem cordial e, em último nível, descrevê-lo na cena política brasileira, por meio da seleção de uma espécie de “léxico cordial” contido no discurso político. Intermediariamente, são objetivos específicos do presente estudo:

1. Apresentar a obra *Raízes do Brasil*, como forma de contextualizar literariamente os estudos em torno do homem cordial.
2. Conceituar o homem cordial sob a perspectiva de Sérgio Buarque de Holanda, mostrando similaridades e diferenças entre outros estudos que remetam ao “caráter cordial brasileiro”.
3. Demonstrar a atualidade do conceito, investigando a validade do presente estudo em um debate vivo e constante no meio intelectual;
4. Apresentar a Linguística e a noção de seleção lexical como campos teóricos centrais da pesquisa.
5. Descrever os elementos linguísticos relacionados às características típicas do homem cordial, a partir da ampla leitura de textos relacionados ao tema.
6. Analisar e descrever os itens linguísticos cordiais presentes no discurso de defesa do ex-deputado Roberto Jefferson.

## METODOLOGIA

Tendo em vista a abundância de estudos relacionados ao tema “homem cordial” e principalmente os objetivos propostos por este estudo, optou-se pelo entendimento da cordialidade em sua perspectiva linguística, recorte investigativo que permite, todavia, a apresentação de outras nuances cordiais que servem como base para as proposições deste estudo. O recorte analítico também se justifica como tentativa de contribuir para as investigações relacionadas aos debates sobre a cordialidade e as características particulares da sociedade brasileira.

Em relação ao universo de abordagem da pesquisa, convém destacar que os apontamentos sobre a cordialidade e as marcas linguísticas relacionadas a ela buscam representar o brasileiro como um todo, por entender, com se verá ao longo deste trabalho, que o homem cordial se sobrepõe a traços regionais no Brasil. Com isso, também se quer dizer que a pesquisa não tem a intenção de promover comparações de cunho linguístico e comportamental com outros países e suas respectivas culturas, devido às limitações de tempo e recursos.

Observando a organização tradicional das pesquisas sociais, o presente estudo pertence ao domínio da pesquisa descritiva, na medida em que busca a descrição, registro e análise da cordialidade, objetivando o entendimento de seu funcionamento no presente (ANDER-EGG, 1978; BEST, 1972 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2007, p. 21). Apesar de estar focada na descrição linguística, a pesquisa também tem associações com a Pesquisa Interdisciplinar, por apresentar um fenômeno associado a dois campos das ciências sociais: a Sociologia e a Linguística.

Para a descrição do universo da cordialidade e dos fenômenos linguísticos relacionados ao homem cordial, foram utilizadas fontes bibliográficas primárias e secundárias, como forma de registrar uma parcela dos estudos existentes sobre o tema até o desenvolvimento do presente estudo. Constituem esse aparato livros, materiais noticiosos publicados em mídia escrita, televisiva e online. Dentre este material, destaca-se o livro-chave desta pesquisa, *Raízes do Brasil*, por sua carga conceitual e por ser fonte de inspiração deste estudo. Entretanto, a pesquisa não se restringe documental e conceitualmente ao clássico de Sérgio Buarque de Holanda, primeiro porque a teoria proposta

pelo sociológico paulista permite a adição de elementos conceituais descritos por outros autores, que se ligam direta ou indiretamente a Holanda, corroborando ou refutando sua teoria, e segundo porque uma das principais proposições desta pesquisa — a contemporaneidade do homem cordial brasileiro — supera as próprias previsões de *Raízes do Brasil*.

O discurso de defesa do Deputado Roberto Jefferson, *corpus* principal deste trabalho, também poderia ser caracterizado como fonte secundária de pesquisa, levando-se em conta que as informações submetidas à análise são do discurso oral de Jefferson transcrito na seção de discursos e notas taquigráficas do site da Câmara dos Deputados<sup>5</sup>. Todavia, seria possível ao autor elaborar nova transcrição, tendo em vista a possibilidade de acesso ao áudio original do discurso<sup>6</sup>, constituindo-se nesse caso como primária a fonte; a opção pelo uso do material existente deve-se basicamente à fidedignidade do registro do discurso existente, evitando-se assim uma reduplicação desnecessária. O *corpus* será analisado na perspectiva da seleção do léxico do discurso, buscando registros das marcas cordiais presentes no discurso.

Em relação à abordagem, a pesquisa tomará a dedução<sup>7</sup> como método científico de condução analítica, na medida em que são apresentadas premissas que relacionam a cordialidade primeiro à personalidade do brasileiro e posteriormente às formas de expressão linguísticas nacionais, tomadas como válidas dedutivamente para uma destas formas de expressão — a política. Os argumentos anteriores à análise descritiva do discurso de Roberto Jefferson servem, portanto, como suporte para a proposição conclusiva deste estudo.

Em respeito a um fluxo investigativo que transporta a pesquisa da teoria sociológica para a teoria linguística, este trabalho foi organizado em três capítulos: no capítulo 1, apresentaremos a análise sobre a formação social brasileira presente em *Raízes do Brasil* e, mais detidamente, analisaremos o

<sup>5</sup> Disponível em <<http://www.camara.gov.br/internet/sitaqweb/pesquisaDiscursos.asp>>. Acesso em 16 maio 2012.

<sup>6</sup> Disponível no Arquivo Sonoro do sítio da Câmara dos Deputados, em <<http://imagem.camara.gov.br/internet/audio/>>. Acesso em: 05 maio 2012.

<sup>7</sup> Tomamos aqui o conceito de método científico dedutivo proposto por Lakatos e Marconi (2001, p. 92), em contraposição ao método indutivo de pesquisa: “Os dois tipos de argumentos tem finalidades diversas — o dedutivo tem o propósito de explicar o conteúdo das premissas; o indutivo tem o desígnio de ampliar o alcance dos conhecimentos [...] Os argumentos indutivos aumentam o conteúdo das premissas, com o sacrifício da precisão, ao passo que os argumentos dedutivos sacrificam a ampliação do conteúdo para atingir a ‘certeza’”.

conceito de homem cordial desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda, buscando os reflexos do conceito em outros autores e a comprovação da presença da cordialidade no mundo contemporâneo; no capítulo 2, adentraremos no campo linguístico, com a apresentação geral dos pressupostos da Linguística e dos conceitos úteis a este trabalho, passando consecutivamente a apresentar as evidências linguísticas do homem cordial registradas por Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e João Cezar Rocha, entre outros autores; no capítulo 3, concentraremos as atenções ao discurso de defesa do ex-deputado Roberto Jefferson, procurando demonstrar as marcas lexicais da cordialidade presentes no discurso do homem político.



## 1 A HERANÇA DE *RAÍZES DO BRASIL* E O UNIVERSO DO HOMEM CORDIAL

### 1.1 Raízes do Brasil: legado

A dimensão e o impacto de *Raízes do Brasil* na cultura e na intelectualidade brasileira devem-se em grande parte ao momento histórico em que a obra foi publicada, em 1936.

No campo político, seis anos antes, a Revolução de 1930 lançava Getúlio Vargas ao poder, marcando o final da República Velha. Ainda envolto na divisão entre os grupos de direita, em geral adeptos do Integralismo, e os grupos de esquerda, socialistas e comunistas, o país atravessava um momento de profunda transformação com a perspectiva de transição das bases oligárquicas para um modelo urbano-industrial, em uma série de debates políticos que se estenderiam pelo menos até 1937, quando começa o Estado Novo.

No domínio cultural, o Brasil dos anos 30 carrega ainda a marca do movimento modernista da década anterior, focado, entre outros objetivos, em promover a ruptura da produção intelectual em relação aos moldes europeus e em marcar a originalidade da cultura brasileira, redescobrimdo o país nesta jornada. O sistema educacional sofre considerável expansão, com ampliação dos cursos de nível superior, contribuindo para a incorporação de parte das camadas médias à vida intelectual do país e resultando, em certa medida, na perda do monopólio cultural por parte das elites e no crescimento e consolidação de uma opinião pública brasileira (AVELINO FILHO, 1987).

Em um momento de contínuo diálogo entre produção cultural e conjuntura político-econômica, as discussões políticas, sociais e culturais do período centraram-se em apontar se os caminhos da sociedade brasileira deveriam rejeitar o passado como forma de projetar o futuro ou se caberia ao Brasil a manutenção de suas instituições tradicionais. Estavam em profundo debate as perspectivas e os entraves para a modernização política e econômica do país. É nesse contexto que surge a necessidade e a importância entre o meio intelectual de promover nova análise sobre os matizes da formação nacional.

*Raízes do Brasil* nasce, assim, como um diálogo entre Sérgio Buarque de Holanda e os demais intelectuais da época, em um esforço para compreender as

bases da formação da sociedade brasileira (COSTA, 2007, p. 29). Faz parte do conjunto de obras “chaves”, na acepção de Antônio Cândido (2011, p. 9), que buscavam investigar o passado nacional, ao lado de *Casa-Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, e *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), de Caio Prado Júnior. Ainda que cada livro traga uma perspectiva particular sobre a formação do Brasil — *Casa-Grande & Senzala* apresenta uma acentuada valorização das origens ibéricas no processo de colonização nacional, ao passo que em *Formação do Brasil Contemporâneo* a descrição do desenvolvimento e da organização brasileira está vinculada principalmente às características das forças de produção empregadas no país —, as três obras têm em comum o contraponto a uma série de teorias anteriores que relacionavam os problemas da formação do Brasil a questões como o clima, a geografia ou a miscigenação<sup>8</sup>.

*Raízes do Brasil* desenvolve a tese de que a sociedade brasileira foi formada em meio à desorganização dos sistemas político e administrativo, quadro originado principalmente pela ausência de um projeto português para ocupação do território nacional. Esse apagamento de uma racionalidade colonizadora impulsionou traços marcantes da formação nacional, como o predomínio do povoamento do tipo rural e o desenvolvimento de um Estado dominado pelos círculos familiares, em que a escolha de seus funcionários públicos era baseada na “confiança pessoal que mereçam os candidatos, e muito menos de acordo com as suas capacidades próprias” (HOLANDA, 2011, p. 146). Seriam consequências deste modelo de desenvolvimento a falta de critérios racionais para o exercício do poder político e uma “incapacidade secular” do brasileiro para distinguir a esfera pública da esfera privada, substituindo a civilidade por manifestações de cordialidade no trato impessoal das relações sociais.

Como a descrição dos problemas da formação brasileira estava diretamente relacionada ao passado de bases coloniais, *Raízes* enxerga o desenvolvimento nacional e a modernidade urbana — movimentos marcantes na década de 30 — como elementos fundamentais para ruptura dos antigos laços agrários,

---

<sup>8</sup> Fazem parte do conjunto de teorias combatidas por Freyre, Holanda e Prado Júnior aquelas relacionadas principalmente ao movimento naturalista, presentes em obras como *O Problema Nacional Brasileiro*, de Alberto Torres, *Raça e Assimilação*, de Oliveira Vianna, e *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Além da influência europeia, *Raízes do Brasil* é, em certa medida, um reflexo contrapositivo destas correntes de pensamento anteriores sobre a formação brasileira. (GROFF, 2011, p. 13-59).

familiares e burocratas, cercados por relações de cordialidade. O progresso futuro seria, portanto, o principal agente de superação dos problemas nacionais.

No que se refere às essências intelectuais, a construção de *Raízes do Brasil* está diretamente ligada ao contato de Sérgio Buarque de Holanda com a teoria sociológica alemã, absorvida pelo historiador no período em que viveu em Berlim, entre 1929 e 1930. Estudioso de pensadores como Wilhelm Dilthey e Georg Simmel, Sérgio Buarque de Holanda encontrou na obra de Max Weber algumas das chaves para a produção de seus textos. Em *Raízes do Brasil*, a primeira de suas publicações, a sociologia alemã está presente principalmente na construção dos “tipos ideais”<sup>9</sup> de povo brasileiro apresentados no livro, um legado da teoria weberiana. Conforme aponta Costa (2007), os “tipos ideais buarqueanos” representam um elemento fundamental para a compreensão da metodologia de investigação empregada em *Raízes do Brasil*, pois, através deles, Holanda concentra a realidade empírica da formação da sociedade brasileira em determinados “tipos” participantes da construção do país. Em *Raízes*, as reflexões sobre o processo de formação do Brasil são construídas através de um jogo opositivo, em que os tipos ideais brasileiros são colocados em análise simultânea. Assim, como registra Antônio Cândido (2011, p. 13),

A visão de um determinado aspecto da realidade histórica é obtida, no sentido forte do termo, pelo enfoque simultâneo dos dois; um suscita o outro, ambos se interpenetram, e o resultado possui grande força de esclarecimento. Neste processo, Sérgio Buarque de Holanda aproveita o critério tipológico de Max Weber; mas modificando-o, na medida em que focaliza pares, não pluralidade de tipos, o que lhe permite deixar de lado o modo descritivo, para tratá-los de maneira dinâmica, ressaltando principalmente a sua interação no processo histórico.

Essa interpretação da teoria de Weber por Holanda resultou na reunião de pares opositivos que, longe de transformarem a complexa teia histórica de relações sociais, políticas e culturais que explicam as origens nacionais em meras simplificações tipológicas, servem como fundamentação sintética para a análise da formação brasileira e seus problemas intrínsecos. Desta forma, o par “Trabalhador e Aventureiro” está relacionado ao direcionamento do esforço e

---

<sup>9</sup> Considerado um dos elementos-chave da teoria weberiana, o conceito dos tipos ideais ou “tipos puros” refere-se à formação de um quadro ideal de determinado fenômeno social, que é isolado e reconstruído a partir de vários pontos de vista sobre este mesmo fenômeno, a fim de que o “tipo ideal” possa ser comparado com a realidade empírica. É uma ferramenta de investigação desenvolvida sobretudo para contribuir com a metodologia científica aplicada às ciências humanas. (WEBER, 1992 *apud* COSTA, *Ibidem*, p. 42-45).

aos objetivos das atividades dos homens; o trabalhador “enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar”, ao passo que o típico ideal do aventureiro é “colher o fruto sem plantar a árvore”. A dicotomia “Semeador e Ladrilhador” está ligada à visão de colonização empregada na América pelos povos ibéricos, em que os atos colonizadores dos portugueses são relacionados ao tipo “semeador”, ausentes os métodos racionais de colonização e evidente a tendência de usufruto imediato na construção de espaços de povoamento, principalmente rurais, em contraponto ao tipo “ladrilhador”, relacionado à colonização espanhola, com maior racionalidade no planejamento e construção das cidades, verdadeiros instrumentos de dominação colonial. Em “Antígona e Creonte”, verificamos a tradução do conflito histórico entre a família e o Estado, em que Antígona representa a “realidade concreta e tangível” da família e Creonte a impessoalidade coercitiva da coletividade e do Estado. *Raízes do Brasil* oferece, ainda, o tipo sociológico do “homem cordial”, que não chega a ter um par opositivo direto, mas é resultado do jogo relacional de todos os pares elencados por Sérgio Buarque de Holanda.

Ainda que não possam ser verificados no mundo real em estado puro e individualizado, porque não possuem “existência real fora do mundo das ideias” (HOLANDA, 2011, p. 45), a sobreposição e um certo triunfo do Aventureiro, do Semeador e da figura familiar de Antígona, e o resultado deste tipos brasileiros, o homem cordial, tornou-se a fundamentação das verdadeiras bases da formação da sociedade brasileira.

Como obra de resgate das raízes nacionais com profundo senso de modernização teórica e ideológica, *Raízes do Brasil* superou os limites da intelectualidade do período e influenciou ativamente o pensamento brasileiro posterior às décadas de 30 e 40, fato que demonstrava que Sérgio Buarque de Holanda, assim como Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, levavam “a marca registrada dos grandes historiadores”, na visão de Evaldo Cabral de Mello (2011, p. 189). Foi, conforme demonstramos, uma voz de divergência entre os teóricos contemporâneos a Holanda que se apoiavam em teorias tradicionalistas da formação brasileira; todavia, as propostas metodológicas — apoiadas sobretudo na teoria weberiana — e as linhas de raciocínio em tantos pontos revolucionária provocaram influências dos níveis mínimos, como a introdução de conceitos como “patrimonialismo”, “personalismo” e “burocracia” (CANDIDO, 2011, p. 17),

aos níveis mais amplos, como a inovação dos métodos de pesquisa históricos no país. Na visão de Maria Odila Dias (1998 *apud* MATOS, 2005, p. 16), *Raízes* integra o conjunto de textos de Sérgio Buarque que inaugura uma perspectiva plural na descrição dos sujeitos históricos, notadamente pela utilização dos tipos ideais em confronto, além da análise desses sujeitos em relação ao fator temporal. Assim,

Graças à sua obra, escrita entre as décadas de 1930 e 1970, a historiografia brasileira pôde transcender enquadrinhamentos de formação do Estado nacional e descortinar diferenças. Grupos sociais “outros” apareciam, contudo, ainda inseridos numa perspectiva globalizante, vistos como desordeiros ou subordinados ao todo da nação, do poder, da ordem dominante. [...] Ao desvendar deste modo o sincrônico e o diacrônico, apegado à elaboração dos diferentes ritmos de tempo, Sérgio Buarque de Holanda abriu o caminho da historiografia social e da cultura para a noção da pluralidade de sujeitos e de múltiplas temporalidades.

No campo da produção intelectual, duas obras de destaque podem ser distinguidas como fortemente influenciadas por *Raízes do Brasil*. Em *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil* (1984), do antropólogo Roberto DaMatta, estão presentes os tipos antagônicos da “casa” – expressão do predomínio das relações pessoais, da informalidade e da intensidade emocional – e da “rua” – espaço das leis impessoais, do tempo medido pelos relógios e pelas agendas, das atitudes desumanas. Trata-se de um par opositivo que evoca as contradições entre o “público” e o “privado”, elementos tão presentes na obra de Sérgio Buarque de Holanda. Na obra *Bandeirantes e Pioneiros* (1954), Vianna Moog também se aproveita da lógica de Holanda para construir a oposição entre o “bandeirante”, relacionado aos colonizadores portugueses no Brasil, e o “pioneiro”, grupos ingleses colonizadores dos Estados Unidos. Nos dois autores, é evidente que o estudo histórico através do tipo-ideal remete a Max Weber, fundador desse método sociológico, mas a utilização destes tipos em oposição e a própria temática das obras — as essências do povo brasileiro — reportam diretamente a Sérgio e criam intertextualidade implícita com *Raízes do Brasil* (GROFF, 2007, p. 82-86).

Um dos principais legados desta obra buarqueana, a figura do homem cordial, descrita em não mais do que cinco páginas de *Raízes*, continua a ser submetida a juízos de confirmação ou refutação, mas em discussão viva e atual, como peça fundamental para interpretação do “caráter” e do comportamento do brasileiro.

Sobre esta figura singular da teoria de Holanda é que nos deteremos em pormenores nas próximas linhas.

## 1.2 O nascimento e a sobrevivência do homem cordial

Se porventura fosse necessário situar a figura do homem cordial em uma espécie de genealogia antropológica, o poeta e diplomata Rui Ribeiro Couto seria descrito como “pai biológico” deste tipo brasileiro; a Sérgio Buarque de Holanda caberia o posto de “pai de criação”, ou verdadeiro responsável pelo desenvolvimento deste sujeito histórico. Embora o traço de cordialidade do povo brasileiro não fosse exatamente elemento novo<sup>11</sup>, foi Ribeiro Couto quem elevou pela primeira vez a cordialidade como parte formadora do caráter brasileiro. A origem deste conceito está precisamente marcada em carta direcionada ao mexicano Alfonso Reyes em 1931, quando o poeta observa que

O egoísmo europeu, batido de perseguições religiosas e de catástrofes econômicas, tocado pela intolerância e pela fome, atravessou os mares e fundou ali, no leito das mulheres primitivas e em toda vastidão generosa daquela terra, a família dos homens cordiais, esses que se distinguem do resto da humanidade por duas características essencialmente americanas: o espírito hospitaleiro e a tendência à incredulidade. Numa palavra, o homem cordial. (COUTO, 1987 *apud* ROCHA, 2005, p. 10).

Na verdade, a definição inicial de Ribeiro Couto não se restringia aos horizontes brasileiros: o homem cordial seria, na visão do poeta, um tipo latinoamericano. As “características essencialmente americanas” elencadas por Ribeiro Couto sugerem a valorização da “fusão do homem ibérico com a terra nova” (1987, p. 30, *apud* ROCHA, 2005, p. 11), tendo no homem cordial um resultado positivo do processo de miscigenação.

Intelectual influenciado pelas forças de seu tempo — notadamente o modernismo, o progresso urbano-industrial e os conflitos políticos que desaguariam no Estado Novo —, Sérgio Buarque de Holanda remodela o conceito especificamente para o contexto brasileiro. Entretanto, na visão do historiador e sociólogo paulista, o “caráter cordial” nacional seria um legado negativo do desenvolvimento brasileiro, relacionado muito mais ao tempo

<sup>11</sup> De acordo com Rocha (2005, p. 11) textos de Manoel Bomfim como *A Cordialidade da Taba* e a própria *Carta do Achamento*, de Pero Vaz de Caminha, são documentos anteriores a Ribeiro Couto que tratavam da cordialidade nacional, mas aplicada especialmente aos povos indígenas.

histórico do que a um traço definitivo da identidade nacional, como poderia sugerir Ribeiro Couto e como sugeriram, mais tarde, outros autores.

O homem cordial de Sérgio Buarque é a síntese resultante do passado agrário brasileiro, da influência da família patriarcal nas rédeas da política e da incapacidade nacional de lidar de modo impessoal com a esfera pública. É um tipo que tem como características a “lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade” (HOLANDA, 2011., p. 146) e que conduz as suas relações com um trato extremamente emotivo, rejeitando a polidez no convívio social. A cordialidade brasileira, nesse sentido, funciona como substituto da civilidade no trato social, tendo em vista que a civilidade é típica de sociedades racionalmente organizadas, em que há clareza na aplicação de normas e na organização das instituições; no caso brasileiro, a abstração desse conceito abriu espaços para a cordialidade, que em essência “preenche esse vazio e se torna uma forma de navegação social possível” (COSTA, 2007, p. 25).

Também é latente no homem cordial a aversão a ritualismos sociais, a exemplo do respeito à hierarquia e da reverência a superiores (como na vida profissional), formas estas que exigiriam do brasileiro uma “personalidade fortemente homogênea e equilibrada em todas as suas partes” e que não fazem parte dos traços psicológicos nacionais exatamente pela ausência de racionalização no processo de formação do Brasil. São manifestações típicas do homem cordial o emprego de diminutivos<sup>12</sup>, a omissão do nome de família no tratamento social e a relação fraterna no culto aos santos, todas ligadas ao desejo do povo brasileiro de quebrar barreiras e estabelecer intimidade (HOLANDA, 2011, p. 146).

Provavelmente um dos maiores equívocos relacionados ao conceito buarqueano do homem cordial e que perduram até hoje no imaginário coletivo brasileiro seja a vinculação direta deste sujeito a um estereótipo de “homem bondoso e generoso”, posição que desde as primeiras observações do escritor Cassiano Ricardo<sup>13</sup> costuma surgir nas interpretações da obra de Buarque de Holanda. De acordo com Cassiano, em carta dirigida ao autor de *Raízes* em 1948 e intitulada “Variações sobre o ‘homem cordial’”, seria preferível conceituar como “homem

---

<sup>12</sup> Os aspectos linguísticos relacionados ao homem cordial serão tratados com atenção no próximo capítulo.

<sup>13</sup> Autor de *Martim Cererê*, entre outros trabalhos de destaque. Participou dos grupos Verde-Amarelo e Anta, movimentos relacionados ao modernismo.

bom” os traços de caráter elencados por Holanda como a contribuição brasileira para a civilização, tendo-se em conta que estariam relacionados a aspectos como hospitalidade e afabilidade. Na verdade, como afirma Sérgio Buarque em resposta a Cassiano Ricardo<sup>14</sup>, o uso do termo “cordial” não tem verdadeiramente uma intenção de elogio, posto que tanto podem vir do coração (e daí a relação com o “cordial”, do latim *cordialis*<sup>15</sup>, “relativo ao coração”) os bons e os maus sentimentos. Assim, apesar do fundo emotivo comum ao convívio social brasileiro, nem todas as manifestações cordiais podem ser encaradas como prova de “sentimentos positivos e de concórdia” (HOLANDA, 2011, p. 205)<sup>16</sup>. O elemento central formador do homem cordial não é a bondade mas, antes de tudo, o caráter afetivo e emotivo em suas relações sociais e políticas.

Situação paradoxal na definição de conceitos que envolvem o homem cordial é uma certa tendência do espectador comum de enxergar na cordialidade um aspecto positivo do povo brasileiro, posição que contraria a análise mais importante deste tipo sociológico – a de *Raízes do Brasil* - e se aproxima do posicionamento de Ribeiro Couto e, mais precisamente, da visão de Gilberto Freyre, responsável por traçar um “quadro vivo e colorido”<sup>17</sup> do processo de miscigenação nacional. Em *Sobrados & Mucambos*, lançado também em 1936, o autor pernambucano adequa o homem cordial buarqueano à sua perspectiva ao expor que “[...] essa simpatia e essa cordialidade transbordam principalmente do mulato” (1977, p. 644). A análise de Freyre, portanto, toma o fenômeno da mestiçagem brasileira como central para o nascimento da cordialidade, e não a transição campo-cidade, como sugere Holanda.

Não seria leviano propor, nesse sentido, que o imaginário cultural brasileiro guarda um homem cordial apresentado por Sérgio Buarque de Holanda e interpretado com base no ponto de vista de Gilberto Freyre (ALKMIN, 2007, p. 102). No campo teórico, entretanto, convivem até hoje as duas perspectivas de

<sup>14</sup> As objeções de Cassiano Ricardo e as respostas de Sérgio Buarque de Holanda passaram a fazer parte de *Raízes do Brasil* a partir da terceira edição da obra, em 1955.

<sup>15</sup> De acordo com o Dicionário Houaiss Eletrônico (2009).

<sup>16</sup> Ilustram esse posicionamento as observações de Kathrin Rosenfield sobre a Revolução Farroupilha, na qual um “acordo cordial” entre o governo imperial e os generais farroupilhas resultou no término do conflito, em uma espécie de “derrota ensaiada” em favor do governo que custou o extermínio de quase mil ex-escravos do batalhão dos Lanceiros Negros, pois interessava a ambas as partes que homens livres permanecessem livres, mas que escravos continuassem escravos (2005, p. 72-75).

<sup>17</sup> A expressão é de Darcy Ribeiro, na introdução da 45ª edição de *Casa-Grande & Senzala*.



explicação do processo de formação brasileiro, incluindo-se aí a gênese e as características que formam o homem cordial. Sem negar as oposições e até um certo predomínio da visão positiva de Freyre sobre a cordialidade presente no brasileiro, convém destacar sobretudo o registro em ambos os autores dos traços de personalidade fundamentais desta figura sociológica brasileira: o comando emotivo em detrimento da razão, a simpatia, o desprezo pelas normas e o tratamento íntimo em todas as formas de convívio, tornando particular aquilo que deveria pertencer ao domínio público.

O embaralhamento do público com o privado, aliás, parece estar entre as características mais singulares do homem cordial. DaMatta (1997) observa que as relações sociais no Brasil podem ser interpretadas através de três códigos: o código da casa, relativo à família, normalmente conservadora e, portanto, avessa ao progresso; o código da rua, da vida pública, ligado ao progresso e as relações de mercado; e um código de outro mundo, um espécie de síntese dos dois primeiros códigos<sup>18</sup>. Para o antropólogo, qualquer tipo de mistura entre o código da casa e o código da rua gera “alguma forma grave de confusão ou até mesmo conflito” (DAMATTA, 1997, p. 35).

Filho de um círculo familiar patriarcal, herança da ruralidade que predominou no Brasil até o início do século XX, o homem cordial carrega o código da “casa” em suas relações públicas, na “rua”. Esse movimento transforma em intimidade o distanciamento social, em uma tendência em utilizar as relações domésticas na esfera pública e que abre espaço, em termos brandos, para a troca de favores, o “jeitinho” para se atingir determinado objetivo ou burlar regras, e, em termos realistas, para a corrupção em diversos níveis e a apropriação privada da coisa pública. Por meio destes atributos é que o próprio DaMatta registra que a pessoalidade das relações e os vínculos de hospitalidade e simpatia “permitem fazer da casa uma metáfora da própria sociedade brasileira” (DAMATTA, 1997, p. 37) — metáfora para os sentimentos empregados no convívio cotidiano, mas também metáfora para relações viscerais do domínio público, como na política.

---

<sup>18</sup> É relevante destacar, conforme aponta DaMatta, que os espaços da “casa” e da “rua” não são estáticos, variando de acordo com a perspectiva do indivíduo ou grupo. Assim, a “rua” pode conter espaços apropriados por indivíduos que vivem e convivem como se “estivessem em casa”. Trata-se, portanto, de uma oposição ao mesmo tempo marcante e dinâmica (DAMATTA, 1997, p. 39).

### 1.2.1 O cordial Malasartes: entre o mito e a realidade

Engrossa o caldo das discussões sobre a formação do Brasil às quais se liga a figura do homem cordial a crítica às generalizações criadas para definir o povo brasileiro, e que se fazem, em maior ou menor grau, a qualquer nação do planeta – e, assim, todos os ingleses se tornam pontuais, e todos os japoneses são tidos como polidos, conforme lembrou o próprio Sérgio Buarque de Holanda na intenção de contrapor o caráter cordial<sup>19</sup>. No caso brasileiro, como observa Ianni (2002, p. 176), algumas linhas específicas de pensamento sobre as origens nacionais servem normalmente como o ambiente para a criação destes tipos, como o patriarcalismo, o escravismo e a “democracia racial” advinda do processo de miscigenação. O homem cordial, afirma Ianni, seria um “parente” de outros tipos ligados ao domínio da realidade ou da fantasia, e que se aproximam exatamente pelo contexto histórico em que foram “criados”. Desta forma, pertenceriam à mesma estirpe do homem cordial tipos como *Martim Cererê*<sup>20</sup>, *Pedro Malasartes*<sup>21</sup> e *Macunaíma*<sup>22</sup>.

Ainda de acordo com o pensamento de Ianni, essa espécie de “taquigrafia” da história brasileira está diretamente relacionada à ética do trabalho que predominou por alguns séculos no país, notadamente de bases escravistas, e que sofreu drásticas mudanças a partir da abolição do escravismo: o labor, antes visto como atividade de grupos inferiores, precisou ser reinterpretado para uma lógica positiva, como forma de garantir a prosperidade nacional por meio do “trabalhador livre”. Nesta transição é que surgiriam figuras e figurações que revelam “a informalidade, a liberdade inocente, o trabalho como atividade lúdica, o descompromisso com a disciplina, a rejeição do trabalho como obrigação, a sociabilidade solta, imprevisível” (IANNI, 2002, p. 183). Além de caricatas, completa o autor, estas expressões tipológicas podem ser convertidas em verdadeiros mitos da formação nacional, a depender da retirada de contexto e

<sup>19</sup> Nas palavras de Holanda: “Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinários do convívio social, chega a ponto de confundir-se, por vezes, com a reverência religiosa” (2011, p. 147).

<sup>20</sup> Personagem de livro escrito por Cassiano Ricardo e publicado em 1928.

<sup>21</sup> De grafia “Pedro Malazartes”, ou “Pedro Malasartes”, tem origens na cultura ibérica, com diversas representações de destaque no cenário cultural brasileiro, como em ópera homônima, escrita por Mário de Andrade e Mozart Camargo Guarnieri. Foi levado ao cinema em 1960, tendo como intérprete o humorista Amácio Mazzaropi.

<sup>22</sup> Personagem descrito por Mário de Andrade em obra homônima, publicada em 1928.

de processos de reificação nos quais os tipos são submetidos a contínuas releituras.

Essa lógica do trabalho que dá origem a figuras “malandras” está bem marcada na análise de DaMatta (1997) sobre Pedro Malasartes<sup>24</sup>, um dos tipos familiares ao homem cordial, na proposição de Octavio Ianni. Forjado em um ambiente de exploração da família por um fazendeiro “rico e velhaco”, Malasartes procura transformar as desvantagens em vantagens utilizando seu “caráter duvidoso” e sua astúcia, tornando-se em uma espécie de herói vingativo e sem escrúpulos. Na definição de Damatta, Pedro “é, como Macunaíma, um relativizador das leis, regulamentos, códigos e moralidades que sufocam o indivíduo sem berço no jugo do trabalho e servem para perpetuar as injustiças sociais” (DAMATTA, 1997, p. 276).

Como aponta o antropólogo, remeteriam ao homem cordial essa certa “pessoalização” das leis por parte de Pedro, que utiliza as regras com “jeitinho” e “malandragem” não para burlá-las exatamente, mas para se aproveitar de sua complexa aplicação em benefício particular. Também aproximaria o homem cordial de Malasartes a marcação no herói ibérico dos domínios opositivos da casa — o núcleo familiar de Pedro, das relações de sangue — e da *vida* — na verdade, onde Pedro “ganha a vida”, incluindo-se aí as questões sociais e econômicas que enfrenta.

Apesar das possíveis semelhanças, o mito de Pedro Malasartes está focado basicamente nas “relações concretas entre os fortes e os fracos”, como assinala o próprio DaMatta (1997, p. 294). Os movimentos de Pedro são sempre conduzidos pelo elemento da sagacidade, superando desafios de uma forma ao mesmo tempo vingativa e revolucionária, contrariando a classe dominante. O homem cordial brasileiro, todavia, não poderia fazer parte desta mesma lógica. Em primeiro lugar — e retomando o raciocínio de Buarque de Holanda —, a cordialidade tem origens mais amplas do que na ética do trabalho a qual pertence Pedro, com necessárias regressões às heranças coloniais e rurais, à (des)organização do Estado brasileiro e à vida em família e em sociedade, resultando o sujeito buarqueno desse jogo complexo de fatores. Em segundo lugar, o espírito do homem cordial, de fundo emotivo e com propósito constante

---

<sup>24</sup> A análise empregada por DaMatta toma como referência a descrição de Pedro Malasartes desenvolvida no livro *Contos tradicionais do Brasil* (1967), de Câmara Cascudo.

de estabelecer intimidade, tem uma amplitude que não o encerra em apenas uma parcela do povo brasileiro, por ser tônica de relacionamentos em diversos níveis — pessoais, sociais, públicos. As atitudes cordiais, “que não precisam ser legítimas para se manifestarem” (HOLANDA, 2011, p. 147), tanto podem vir de Malasartes ou do fazendeiro, do patrão ou do empregado, do malandro ou do homem honesto, por ser traço mais amplo que a bondade. A cordialidade é, assim, múltipla em suas origens e em seus sentidos.

Em última análise deste ponto, distingue-se o homem cordial de qualquer outro esforço de descrição da personalidade brasileira pelo tendência nacional de autorreconhecimento no traço cordial. Conforme aponta Alkmin (2008, p. 95), “parece que, por ser carente de heróis, o brasileiro idealizou um ‘herói coletivo’ que representa a sua índole — e boa parte do mundo comprou esta ideia”. Essa internalização do espírito cordial no imaginário brasileiro, com suas consequentes e contínuas representações, é o que efetivamente interessa a este estudo.

### 1.2.2 Contemporaneidade do homem cordial

Ao elencar algumas das características da figura cordial, parece já implícita a atualidade do conceito no contexto contemporâneo brasileiro. A manutenção do homem cordial deixaria perplexo o próprio Sérgio Buarque de Holanda, que sentenciava a extinção deste tipo histórico na medida em que a modernização das instituições sociais e o desenvolvimento urbano retirasse a cordialidade como tônica das relações na esfera pública. Ocorre que, nas palavras do jornalista Mário Hélio de Lima (2005, p. 108),

A cordialidade insiste: é patrimônio do nacionalismo brasileiro, como a cachaça, o futebol, a pele à flor do sexo, as praias, as florestas já não tão virgens. Terra sem males, de bons selvagens. De canibais. Onde “é melhor pedir do que roubar”, onde o político “rouba, mas faz”, onde é aceito o “estupra, mas não mata”, ou, se “o estupro é inevitável, relaxe e goze”. Onde há multidões dispersas numa guerra civil racial sem sociólogos que as definam bem, “elementos”, não indivíduos, “vulgos”, no lugar de cidadãos, homens-carcarás, cordiais-canibais, do “pega, mata e come”.

Conforme apontamos no item anterior, se a cordialidade sobrevive entre as “imagens” que traduzem o povo brasileiro, um elemento é central para esta realidade: o brasileiro incorporou a personalidade cordial como traço positivo de

sua cultura, fato que pode ser relacionado à valorização das origens nacionais proposta por Freyre e que elevaram o homem cordial a uma “espécie de símbolo do Brasil, algo presente no imaginário coletivo da nação” (ALKMIN, 2008, p. 95), que nem a transição campo-cidade nem a instituição de um Estado democrático foram capazes de dissolver.

Um dos estágios apontados por Holanda como indispensáveis para a extinção do homem cordial, a modificação da organização social brasileira em núcleos familiares do tipo patriarcal, moldados em ambientes rurais, efetivamente aconteceu no Brasil a partir do século XX, com o desenvolvimento industrial e o crescimento das populações urbanas. No bojo dessa transformação profunda e progressiva e para além dos relacionamentos familiares, alteraram-se também muitas formas de convívio nos ambientes sociais, com o maior exemplo nos relacionamentos dentro de comunidades, desfragmentadas e remontadas com os avanços da tecnologia e dos meios de comunicação<sup>25</sup>, com a consequente evolução da noção de agrupamento (os grupos minoritários, por exemplo) e de espaço, a exemplo das comunidades virtuais. Ainda assim, a cordialidade continua a ser elemento central na formação desses grupos, na medida em que a exposição de identidades dentro do grupo — e neste ponto voltamos à transposição do íntimo para o público, necessária ao indivíduo em comunidade — leva em conta “elementos afetivos, emocionais, biográficos, além de culturais e comportamentais” (LEAL, 2005, p. 36). É por esse motivo que em movimentos sociais típicos do Brasil, a exemplo das lutas de etnia e de sexualidade, encontramos uma série de organizações representativas de uma mesma causa — ONGs, conselhos, associações — em que “os elementos afetivos são tão ou mais importantes que os políticos” (LEAL, 2005, p. 37). São obviamente expressões de pluralidade e democracia, mas também de manifestações emocionais que particularizam uma mesma luta, um mesmo debate. Cordiais, portanto.

Essa ligação entre o pessoal e o público, entre a “casa e a rua”, presente nas comunidades brasileiras, surge aqui novamente para inserir o homem cordial na cena contemporânea. Na visão de DaMatta (1986, p. 18-28), as relações de

---

<sup>25</sup> Nesse sentido, Bauman (2001) aponta os conceitos de comunidades estéticas – transitória e sem vínculos duradouros entre os seus participantes - e das comunidades éticas – de vínculo duradouro e de ligação permanente entre os seus membros.

trabalho no Brasil são exemplos marcantes da “mistura” do código da casa com o código da rua, pois em diversas situações os laços de simpatia e amizade ofuscam e substituem as relações puramente econômicas entre empregados e patrões — estes últimos, sobretudo em empresas de pequeno porte, com proximidade entre chefes e trabalhadores, constantemente utilizam a cordialidade em grande parte das negociações, exercendo duplo controle da situação. Para o antropólogo, o exemplo mais visível dessa situação é o das empregadas domésticas brasileiras, submetidas com tanta força à intimidade do código da casa em que trabalham (às vezes, é também o local onde moram) que comumente consideram este código mais importante do que a própria relação econômica, parte integrante do código da rua.

Entretanto, provavelmente não há maior evidência das confusões entre o público e privado do que na vida política brasileira. Por aqui, não é difícil encontrar os padrinhos e apadrinhados em causas eleitoreiras, os “pais do povo” e seus os filhos: a “família” invadindo o poder. O jogo político obscuro, marcado por casos quase semanais de corrupção e uso pessoal da máquina pública, revelam-se tão brasileiros quanto a postura letárgica da maioria da população frente aos sucessivos escândalos nacionais. É precisa, nesse sentido, a colocação de Teixeira (2005, p. 63):

A cordialidade ainda dá as cartas. [...] o personalismo do presidente que parece flutuar acima do fracasso e da lama de seu governo confirma que estamos longe de entender a política como um território de princípios abstratos e impessoais..

O presidente em questão é Luiz Inácio Lula da Silva — o cordial Lula dos brasileiros —, alvo de uma série de denúncias no escândalo do Mensalão, em 2005. A imagem cordial de uma das figuras públicas mais importantes da atualidade no Brasil foi elucidada por Monteiro (2005, p. 117) em análise do documentário *Entreatos: Lula a 30 dias do poder* (2002), de João Moreira Salles. Segundo Monteiro, o pernambucano líder das classes operárias que chegaria ao cargo mais importante do país mostrava, desde antes de sua eleição como presidente, que habitava simultaneamente em espaços públicos e privados, navegando entre eles de modo muito semelhante. Neste trânsito entre os dois mundos, é marcante em Lula uma certa “negativa” de recolher-se à solidão, preferindo sempre o contato e o convívio mesmo nas situações mais íntimas,

como se esse “viver nos outros” (HOLANDA, 2011, p. 147) fosse também para ele uma verdadeira libertação, como no homem cordial.

No período pré-eleitoral, o ex-presidente já demonstrava as mesmas marcas que continuariam viscerais em sua conduta após o pleito: a rejeição de ritualismos nos atos políticos (a exemplo dos improvisos nos discursos, prova de sua “emoção” na fala pública), a espontaneidade em todas as situações e, essencialmente, o poder e a tendência de negociação ainda que nos confrontos mais intensos. Neste campo dos negócios políticos, em especial, Lula comprovou sua faceta cordial logo no início de seu mandato, em 2003, quando o então presidente promoveu diversos churrascos no Palácio da Alvorada, reunindo aliados e inimigos políticos, em uma série de tentativas de evitar o conflito e buscar soluções negociadas. Em Lula, “o que importuna é a etiqueta, a polidez, são as máscaras do jogo político, as formas que separam os homens ao invés de aproximá-los” (MONTEIRO, 2005, p. 125). Para o bem ou para o mal, Lula ilustra exponencialmente esse traço político brasileiro que troca o protocolo pela intimidade, condenando a política brasileira a um tratamento distante do impessoal pela maioria de seus atores.

Embora possa ser compreendida como uma força real do caráter brasileiro, que as décadas posteriores a *Raízes do Brasil* ajudaram a fortalecer, a manutenção do homem cordial entre os tipos vivos de nossa cultura revela que o brasileiro não resolveu alguns de seus dilemas — as sucessivas revoluções que não se realizaram, nos termos de Teixeira (2005, p. 63). A cordialidade dos gestos, da gentileza, das inúmeras formas de afeto continua correndo na veia cultural brasileira da mesma forma que se mantém a confusão entre espaços públicos e privados que permite tantos atos prejudiciais ao funcionamento da República, como os casos sucessivos de escândalos no Poder e as explicações, quase sempre, cordiais. Cordialidade que é ao mesmo tempo essência, máscara social e transgressão de regras. A cordialidade não resolvida do povo brasileiro.

## 2 O HOMEM CORDIAL E A LÍNGUA

### 2.1 O aporte da Linguística

Quando buscaram aproximações entre os fenômenos linguísticos e as características comportamentais do brasileiro — tema dominante das próximas seções deste capítulo — Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre anteciparam, em certo sentido, conexões que seriam abordadas posteriormente pela Linguística Cognitiva<sup>26</sup>. Com campo de pesquisa delimitado entre o final da década de 70 e o início da década de 80, os estudos linguísticos cognitivos centram-se na tese de que as estruturas da linguagem devem ser analisadas em sua relação com o mundo extralinguístico, rejeitando assim a perspectiva da linguagem como sistema autônomo e relacionando-a com fatores semânticos e funcionais (SILVA, 1997, p. 59-101). Nessa perspectiva, portanto, as representações gramaticais de uma língua constituem um caminho para a compreensão das representações mentais no processo cognitivo humano.

Com base nos estudos de Langacker (1987), Cuenca e Hilferty (2007, p. 19) definem cinco postulados básicos para compreensão da Linguística Cognitiva:

- a) O estudo da linguagem não pode ser separado de sua função cognitiva e comunicativa, o que sugere uma análise focada no uso linguístico.
- b) A categorização, como processo mental de organização do pensamento, não determina fronteiras intransponíveis entre as categorias cognitivas, mas, a partir de estruturas conceituais, relações prototípicas (ou entre os tipos mais básicos) e de semelhança, aponta limites difusos entre as categorias.
- c) A linguagem tem um caráter inerentemente simbólico. Por isso, sua função principal é significar. Deste quadro se deduz que não é correto separar o componente gramatical do semântico: a gramática não constitui um nível formal e autônomo de representação, tendo em vista que ela também é simbólica e significativa.

---

<sup>26</sup> A Linguística Cognitiva integra o grupo das chamadas Ciências Cognitivas, do qual fazem parte a Psicologia Cognitiva, a Neurociência, a Antropologia e a Filosofia, entre outras.



- d) A gramática é a estruturação e a simbolização do conteúdo semântico a partir de uma forma fonológica. Assim, o significado é um conceito fundamental e não derivado na análise gramatical.
- e) Impõe-se uma caracterização dinâmica da linguagem que minimize as fronteiras entre os diferentes níveis de linguagem (a semântica e a pragmática, a semântica e a gramática, a gramática e o léxico) e mostre as dificuldades e inadequações que resultam da aplicação rígida de certas dicotomias, como a que opõe a sincronia e a diacronia, a competência e a atuação, e a denotação e a conotação.

Em consequência destes postulados e observando-se as ideias mais gerais da teoria — a importância atribuída à semântica na análise linguística, a abordagem da língua pelo uso e pela situação comunicativa, além da inter-relação entre os campos de investigação da linguagem — surgem diversas linhas de investigação que, ainda que nasçam do mesmo princípio, buscam enfoques específicos nos estudos linguísticos.

Um conceito de destaque postulado dentro do campo da Semântica Cognitiva diz respeito ao *Frame*, desenvolvido por Fillmore (1975,1977,1982,1985 *apud* FERRARI, 2011). Neste campo linguístico, o termo *frame* é utilizado para apontar a estruturação dos itens lexicais e construções gramaticais em relação subordinativa à estrutura do conhecimento e suas implicações de memorização de longo prazo e esquematização da experiência do indivíduo. Desta forma, a compreensão de determinado significado linguístico está necessariamente vinculado ao *frame* que orienta a situação comunicativa. No caso da expressão “fim de semana”, por exemplo, ao acessarmos o *frame* de “Calendário Cíclico” — organizado a partir de fenômenos naturais, como a sucessão de dias e noites, e convenções culturais, como a divisão dos dias de trabalho e dias de descanso — perceberemos que a expressão remete ao último dia de uma semana e ao primeiro dia da semana seguinte, reservados justamente para o descanso, e não aos dois últimos dias semanais, como uma leitura literal de “fim de semana” poderia apontar.

O *frame* acessado, portanto, é decisivo para a compreensão de significado, possibilitando inclusive significações distintas de um mesmo termo quando associado a *frames* diferentes, como no caso clássico do termo lexical “manga”,

que pode estar associado ao *frame* “Vestuário”, representando a parte de um tipo de roupa, mas que também pode ser associado ao *frame* “Alimentação”, significando nesse caso o fruto da mangueira. Os exemplos relacionados são suficientes para demonstrar o distanciamento desse conceito da ideia tradicional de correspondência direta de palavras específicas na mente dos falantes, passando a Linguística Cognitiva a entender o significado fundamentalmente como função na língua.

Ainda no campo da Semântica Cognitiva, Talmy (2003a *apud* PEREIRA, 2007) analisa a língua a partir de dois subsistemas: o lexical, considerado uma classe aberta por ser relativamente grande e ainda passível de expansão, e o gramatical, entendido como uma classe fechada por ser relativamente pequeno e resistente a adições. De acordo com o autor, incluem-se na classe aberta a raiz de nomes, verbos e adjetivos, e na classe fechada todas as outras formas gramaticais, como flexões, clíticos, conjunções, preposições, categoria zero, etc. Na definição de Talmy, os elementos lexicais destinam-se à construção de conteúdo na representação cognitiva, ao passo que os elementos gramaticais estruturam estes mesmos conteúdos.

Ao apontar para a análise da língua como domínio necessariamente interdisciplinar, a Linguística Cognitiva afasta-se de postulados das teorias linguísticas anteriores, como o Estruturalismo e o Gerativismo. Em sua parte mais expressiva, os estudos estruturalistas tomam a língua como sistema “autossuficiente” (com sua própria estrutura e dinâmica), opondo-se à Linguística Cognitiva, que não procura a separação entre o conhecimento linguístico e o conhecimento “enciclopédico”, ou extralinguístico. No caso da gramática gerativista, apesar de também ela ser considerada uma forma de estudo cognitivo por investigar a linguagem como faculdade mental, há divergência de objetivos: enquanto os estudos gerativistas se interessam pelo estudo da linguagem como objeto (e não como meio, portanto), a análise linguística cognitiva investiga o conhecimento através da linguagem, buscando saber como esta linguagem contribui para o conhecimento de mundo. Ademais, a Linguística Cognitiva não assume nenhuma forma de conhecimento linguístico inato, distinguindo-se fundamentalmente do Gerativismo neste ponto (SOUZA; CARDOSO-MARTINS, 2010, p. 132).

Por último, chamamos a atenção para o aspecto funcional da Linguística Cognitiva, de modelo não formal e baseada no uso linguístico, opondo-se especialmente às gramáticas fundadas no esquema categoria-função, em que o primeiro elemento tem primazia sobre o segundo. Com efeito, os linguistas cognitivos “[...] consideran que, en general, la función y el significado condicionan la forma y no al contrario, por lo que el concepto de función es necesariamente un concepto primario” (CUENCA; HILFERTY, 2007, p. 29). Assim é que se fundamenta o interesse desta Ciência Cognitiva pelas relações entre os aspectos de significado (semânticos e pragmáticos) e os aspectos formais (fonéticos, morfológicos e sintáticos), sendo o primeiro determinante sobre o segundo, e não o contrário.

Em relação ao enfoque nos usos, a Linguística Cognitiva aponta para o interesse nos produtos reais da língua, em contraposição às pesquisas focadas na intuição e na “capacidade de linguagem” do falante (remetemo-nos à tese chomskyana de “performance” linguística). Os dados retirados da língua viva, portanto, é que apontam o funcionamento da linguagem e, remissivamente, à representação mental construída pelo sujeito linguístico. Em sentido mais aplicado, esta abordagem será seguida na análise linguística das representações da mentalidade cordial.

## **2.2 Seleção lexical**

Conforme aponta Azeredo (2008, p. 409), os seres humanos, como seres socioculturais dominantes de uma língua, detêm informações, experiências e conhecimentos de mundo que se materializam nas palavras, tornando variável e pessoal a produção do emissor e a interpretação do receptor na troca de mensagens linguísticas. Nesse campo comunicacional é que se situa a seleção e a ordenação de palavras, que não pode ser considerada nem automática — depende das representações mentais do enunciador — nem aleatória — serve a um indivíduo com determinado objetivo comunicativo. Por isso a escolha lexical “é raramente desprovida de carga argumentativa”. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 143).

Essa utilização lexical que pressupõe o conhecimento de mundo dos falantes é mais evidente em situações em que a correta interpretação informativa vai além do “conhecimento de dicionário” do léxico. Assim, por exemplo, quando o jornal

*Meia Hora* escreve que “Bacalhau é o prato do dia do Mengão”<sup>28</sup>, exige-se do leitor o acesso a teias de significações específicas que o levarão à compreensão de que “Bacalhau” é uma referência em tom jocoso ao Clube de Regatas Vasco da Gama, de origem portuguesa, e “Mengão” é partícula em aumentativo retirada de “Flamengo”, clube de futebol carioca, e que o fato de o “Bacalhau” ser “prato do dia” do “Mengão” indica uma vitória em determinado confronto entre os dois times. Ao ler a notícia, um indivíduo estrangeiro que não detém esse conhecimento de mundo comum à cultura brasileira ou mesmo um indivíduo do país que simplesmente não conhece a “cultura esportiva” nacional provavelmente fará uma associação significativa com a gastronomia, e não com o esporte. Caminha nesse sentido a afirmação de Koch (1984, p. 156): “a escolha de um determinado termo pode servir de índice de distinção, de familiaridade, de simplicidade, ou pode estar a serviço da argumentação, situando melhor o objeto do discurso dentro de determinada categoria”.

Também depende das experiências individuais e coletivas a organização das palavras em campos lexicais, que sugerem aplicações em algum sentido análogas. Na análise por protótipos, por exemplo, ao organizar a categoria de pássaros, podemos tomar o pardal como referência e buscar termos que mantém com ele relações de semelhança; provavelmente identificaremos o “sabiá” e a “andorinha” como próximos ao termo referente, e “peru” e “galinha” como palavras relativamente distantes do termo principal (ILARI, 2002, p. 39).

Em universo lexical tão múltiplo em construções e significados, a categorização das escolhas linguísticas constitui-se como verdadeiro desafio. Azeredo (2008, p. 134) aponta três divisões centrais da categorização lexical: a) seres/entidades; b) ações/processos; c) propriedades/atributos. De modo geral, descreve o autor, as unidades pertencentes à categoria a) constituem-se como substantivos, as pertencentes à categoria b) como verbos e aquelas pertencentes à categoria c) como adjetivos. Essa organização, entretanto, terá sempre vinculação a componentes semânticos, como a denotação e a conotação, e às estruturas significativas dos indivíduos em sua cultura, com todas as inovações e mudanças culturais possíveis.

---

<sup>28</sup> Bacalhau é o prato do dia do Mengão. **Meia Hora**, Rio de Janeiro, abr. 2012. Seção Na Marca do Pênalti. Disponível em <<http://www.meiahora.ig.com.br>>. Acesso em: 05 maio 2012.

## 2.3 Língua cordial?

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda faz uma primeira tentativa de relação linguística na caracterização do homem cordial: para o historiador e sociólogo paulista, o uso excessivo dos diminutivos, especialmente aqueles com terminação –inho, seria um traço de linguagem que refletiria a cordialidade: um recurso linguístico para aproximação afetiva entre os brasileiros, tornando pessoas e objetos mais acessíveis e próximos ao coração (HOLANDA, 2011, p. 148).

Ainda que pareça evidente a Holanda essa tendência nacional ao uso e ao “abuso” do diminutivo, o historiador lembra nas notas do capítulo “O Homem Cordial” o registro em gramáticos e folcloristas latino-americanos e europeus do uso desmedido deste recurso de sufixação em outros falantes e em outras línguas, como na espanhola. A abundância do grau diminutivo nestes grupos, aponta o historiador, sempre remete a um ambiente de convívio rural, marcado pela aversão à impessoalidade e pelo tom amistoso no tratamento. Se no Brasil esse traço de linguagem persiste mesmo depois do desenvolvimento urbano, “sua presença pode denotar uma lembrança e um *survival*, entre tantos outros, dos estilos de convivência humana plasmados pelo ambiente rural e patriarcal, cuja marca o cosmopolitismo dos nossos dias ainda não conseguiu apagar (2011, p. 205). Desta forma, ainda que não seja uma expressão de linguagem única do brasileiro como povo, o recurso diminutivo evidencia essa relação com o meio rural, local de nascimento do homem cordial buarqueano, mantendo-se vivo e relevante na abordagem linguística da cordialidade.

O caso de uso diminutivo como caracterização da personalidade do brasileiro tem a atenção de Gilberto Freyre em *Sobrados e Mucambos*, em análise que inclusive leva em conta a visão do historiador paulista<sup>31</sup>. Para Freyre, o desejo de criar intimidade é mais expressivo quando há distância social entre os sujeitos submetidos a algum tipo de relacionamento, como no caso de grupos “dominantes” e de grupos “dominados”. Por esse motivo é que Gilberto Freyre consigna ao mulato brasileiro a utilização mais relevante dos termos em grau diminutivo, por ser ele quem mais transitou entre classes distintas no Brasil

---

<sup>31</sup> Nas palavras de Freyre: “O ‘desejo de estabelecer intimidade’, que o ensaísta Sérgio Buarque de Holanda considera tão característico do brasileiro, e ao qual associa aquele pendor, tão nosso, para o emprego dos diminutivos [...]” (FREYRE, 1977, p. 646)

colonial e imperial. Para o mulato, o uso das palavras com sufixação diminutiva “representava a maneira de ser ainda respeitoso, sendo já íntimo, dos antigos senhores e também dos assuntos, outrora distantes e nos quais só os brancos tocavam” (FREYRE, 1977, p. 646). É daí que surgiram as expressões “sinhozinho”, “doutorzinho”, “branquinho”, entre tantas outras, em uma união de bases a sufixos deste tipo elevada quase ao infinito no Brasil nos dias atuais.

Embora esteja relacionada à ideia de redução, a sufixação diminutiva nas línguas latinas, especialmente no português e no espanhol, está muito mais ligada a uma função emocional do que efetivamente ao tamanho reduzido de seres e objetos. Quando há a necessidade específica de apontar a diminuição, demonstra Alonso (1967 *apud* ROCHA, 2008), utilizamos normalmente algum outro elemento enfático, como em “uma casinha pequena” ou “um peixinho minúsculo”. Nos demais casos, assim como ocorre com elementos aumentativos, o sufixo diminutivo é fundamentalmente um sufixo avaliativo (ROCHA, 2008, p. 216).

Na representação de um Brasil de mistura branca, negra e indígena, Gilberto Freyre descreve em *Casa-Grande e Senzala* as influências do processo de miscigenação no português do Brasil, resultando em uma língua “amolecida” em relação à sua origem europeia. Para Freyre, a língua portuguesa do Brasil não conservou plenamente a sua natureza ibérica, como vários puristas defendiam. É exemplo do próprio Freyre o caso do professor pernambucano Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, que, no século XIX, mostrava verdadeira indignação quando ouvia da boca das crianças expressões como “comê”, “oxente” ou “pru mode”. Para Gama, o aprendizado da língua deveria se basear nos portugueses polidos, e não em alguma “preta da cozinha ou da senzala” (FREYRE, 2006, p. 417). Entretanto, a língua portuguesa também não se “corrompeu” de todo nas senzalas, tornando-se verdade uma nova forma de expressão que corresponderia à “nossa experiência, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, às nossas emoções” (FREYRE, 2006, p. 417).

No domínio das emoções — e desde já vinculamos esse campo à psicologia do homem cordial, pelas aproximações elencadas no capítulo anterior —, Freyre destaca o uso pronominal no Brasil como exemplo relevante do caráter afetivo do brasileiro em funcionamento na linguagem: para marcar situações de

comunicação em que o “modo duro e imperativo”<sup>33</sup> da colocação pronominal enclítica (diga-me, faça-me) não refletia os sentimentos empregados entre participantes do diálogo, criou-se uma forma “caracteristicamente brasileira” de emprego dos pronomes, através de seu uso em próclise — me dê, me diga, me ajude<sup>34</sup>. Desta forma, passaram a coexistir na língua nacional duas formas de uso pronominal, que se resolviam de acordo com as situações hierárquicas no seio das famílias: aos senhores das casas-grandes cabia o uso enclítico “antipático” do “faça-me isso”; aos escravos e aos sujeitos de menor poder nestas relações, como as crianças, pertencia o modo “de intimidade ou de súplica” (FREYRE, 2006, p. 418) de se remeter ao chefe familiar, manifesta nos usos proclíticos. Não se trata, portanto, de um apagamento ou sobreposição de uma forma de linguagem sobre a outra, mas antes de uma complementariedade e da realização linguística de sentimentos antagônicos<sup>35</sup>.

Essa mudança na colocação pronominal que se desenvolveu na formação patriarcal “entre os senhores e os escravos, entre as sinhás-moças e as mucamas, entre os brancos e os pretos” (FREYRE, 2006, p. 418) diluiu-se posteriormente na expressão linguística dos falantes em geral, deixando em segundo plano sua origem “segregatória” por tornar-se linguagem de todos, assim como ocorreu em uma série de outras heranças do relacionamento entre grupos étnicos e sociais distintos no Brasil, a exemplo dos hábitos de alimentação. Ilustração deste fato é abordada por Cyrino (1990, *apud* NUNES, 1996) em análise da variação entre a próclise e a ênclise em relação a verbos no imperativo afirmativo. De acordo com análise de Cyrino, as peças de teatro datadas da primeira metade do século XVIII registravam a ênclise a verbos no imperativo em 100% dos casos, chegando a 0% das ocorrências na segunda parte do século XX. No final do século XIX, aponta o estudo, os casos de usos proclíticos já atingiam 14 pontos percentuais, o que indicaria que a transformação ocorreu exatamente no início do período oitocentista. Esta dupla

<sup>33</sup> A definição é de João Ribeiro, em *A Língua Nacional* (1933).

<sup>34</sup> É importante ressaltar, como observa Pagotto (1996, p. 185-203), que o português europeu registra situações de uso proclítico, mas apenas quando há presença de palavras “atratoras” antes do verbo (negação, alguns advérbios, etc.). Os usos em português do Brasil descritos nesta monografia refletem casos que extrapolam as regras gramáticas, e sugerem mudanças de linguagem por motivação fundamentalmente psicológica.

<sup>35</sup> Na delimitação de recursos de língua aplicados à teoria antropológica e sociológica, tanto Sérgio Buarque de Holanda quanto Gilberto Freyre se remetem ao gramático e filólogo João Ribeiro, e especialmente à obra *A Língua Nacional*. No caso do uso brasileiro do pronome em próclise, diz Ribeiro: “Em ‘me diga’ pede-se; em ‘diga-me’ ordena-se. Assim, pois, somos inimigos da ênfase e mais inclinados às intimidades” (RIBEIRO, 1979, p. 53).

presença pronominal parece presente no conto *Uma senhora*<sup>37</sup>, de Machado de Assis, quando o autor introduz a história de uma senhora que não queria envelhecer:

Nunca encontro esta senhora que me não lembre a profecia de uma lagartixa ao poeta Heine, subindo os Apeninos. [...] E dá-me vontade de dizer-lhe: - A senhora, D. Camila, amou tanto a mocidade e a beleza, que atrasou o seu relógio, a fim de ver se podia fixar esses dois minutos de cristal. (ASSIS, 1997, p. 47)

Na descrição do movimento de cliticização pronominal, convém relacionar algumas observações linguísticas que, ainda que não se vinculem diretamente ao espírito cordial brasileiro, contribuem para caracterizar o fenômeno. Para Nunes (1996, p. 207), a disposição dos clíticos no Brasil segue uma lógica fonológica da esquerda para a direita, como na frase “João tinha me-visto”, permitindo que os clíticos ocorram no início das sentenças em português, diferentemente do que ocorre no português europeu, que segue uma cliticização fonológica da direita para a esquerda, impedindo construções como “Me faça um favor”. Essa diferença fonético-fonológica resultaria em uma variação rítmica e de tonicidade nos pronomes, permitindo e ampliando os usos proclíticos.

Em uma perspectiva descritiva do sistema morfossintático, Perini (2001) define o movimento dos clíticos pronominais como exemplo de correspondência total<sup>38</sup> no tocante à organização da oração, ou seja, o movimento do clítico (por exemplo, de uma posição enclítica para uma posição proclítica) não altera a validade da frase. Os usos proclíticos e enclíticos, descreve o autor, são determinados muito em razão dos casos restritivos a um ou a outro posicionamento do pronome, que podem ser explicados com as seguintes sentenças: “É mal formada toda oração que contenha proclítico no início de estrutura não subordinada ou logo após elemento topicalizado”; “É mal formada toda oração que contenha enclítico quando o elemento verbal [...] é gerúndio, precedido de ‘em’, ou o auxiliar ou Núcleo do Predicado Verbal é particípio, ou a oração se inicie com item marcado (+Atração)” (PERINI, 2001, p. 229). Nos demais casos, aponta Perini, usa-se a próclise ou a ênclise indiferentemente. Perini também ressalta que a mesóclise — outro exemplo de movimento do clítico — é apenas um caso especial de

<sup>37</sup> Texto integrante da publicação *Histórias sem data*, de 1884.

<sup>38</sup> De acordo com Perini, a correspondência total entre orações ocorre quando satisfeitos dois requisitos: 1) os itens lexicais de duas orações podem ser agrupados em pares idênticos; 2) para qualquer preenchimento dos pares, a aceitabilidade da oração A implica na aceitabilidade da oração B, e vice-versa (PERINI, 2001, p. 208).



ênclise, válido quando o Núcleo do Predicado ou verbo auxiliar está no futuro do presente ou do pretérito, seguindo as mesmas condições da ênclise em todo o resto.

A vinculação restrita ao raciocínio anterior apontaria como incorretas frases como “Me preocupei com vocês” e “Me dê uma ajuda”, apesar constantemente presentes na língua oral e escrita. A aplicação de uma regra geral de cliticização, portanto, também deve levar em conta o grau de conservadorismo e de permissividade de cada análise linguística.

Os dois casos elencados e as variações de fundamentação do fenômeno parecem já suficientes para uma primeira afirmação, com apoio na linha de raciocínio da Linguística: a abordagem linguística da cordialidade deve ser composta de um elemento **linguístico**, reafimando nosso entendimento de que a personalidade cordial se materializa em determinados usos e expressões da língua, e de um elemento **contextual**, levando-se em conta que a atitude cordial, especialmente a atitude cordial como estratégia, realiza-se em contextos de relacionamento específicos. Desta forma, um fato sintático como o movimento do clítico poderá ou não ter uma motivação cordial, a depender do contexto de comunicação em que os participantes do discurso são submetidos. O ambiente que permite e fomenta a expressão linguística cordial será abordado com atenção no capítulo 3. Por hora, traremos à discussão exemplo de mais um território para o surgimento dos homens cordiais brasileiros: o meio literário.

### 2.3.1 Língua e literatura: a cordialidade do léxico

Compartilhando de um objetivo muito semelhante ao proposto neste estudo — comprovar a permanência da cordialidade nas organizações sociais modernas através das formas de expressão do homem cordial —, Rocha (1998) lança uma observação importante em termos de linguagem: as próprias características relacionadas a este tipo brasileiro, como a afetividade e o elemento emotivo, sugerem uma forma de expressão pautada principalmente pela oralidade. No que diz respeito ao homem cordial, “o elemento que o define é menos a escrita do que a fala e, sobretudo, a proximidade espacial que ela supõe” (ROCHA, 1998, p. 176). Nesse sentido, as terminações em *-inho* e a colocação proclítica do pronome pessoal podem ser entendidas, em situações específicas, como

recursos para atingir os objetivos de proximidade física e familiaridade pretendidos pela personalidade cordial.

Ao revelar a força da língua oral no universo do homem cordial e tendo como pano de fundo as críticas propostas por José de Alencar ao poema *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, João Cezar de Castro Rocha traça, na obra *Literatura e Cordialidade*, um panorama capturado desde o século XIX que evidencia entre os escritores brasileiros uma técnica particular de comunicação baseada na cordialidade. É uma forma de representação que aponta para dois níveis interessantes: no primeiro nível, encontra-se o escritor e suas estratégias de participação na vida social e literária; em um segundo nivelamento, encontra-se a própria expressão da cordialidade pelo texto ficcional.

No universo do relacionamento entre os literatos nacionais, os símbolos empregados na comunicação entre seus protagonistas revelam marcas de personalidade típicas do homem cordial. Exemplo relevante pode ser identificado na ascensão de Mário de Alencar, filho de José de Alencar, à Academia Brasileira de Letras em 1905: de acordo com o próprio escritor, o mérito por ter se tornado “imortal” deveria ser creditado a Machado de Assis (*apud* WERNECK, 1996, 56):

Haverá quem me argua de vaidoso no recordar esse ato de Machado de Assis. Havia motivo para o ser, mas se o lembrei foi no puro intento de revelar a sua feição menos conhecida: a capacidade afetiva do seu coração, sensível e grato às demonstrações de amizade.

É evidente a preocupação de Alencar de explicar o apoio de Assis — que obviamente não tinha apenas motivações afetivas<sup>39</sup>, — como prova da “capacidade afetiva do seu coração”, como se a nobreza do gesto tornasse dispensável o apontamento do verdadeiro mérito do escritor. Com efeito, o filho de José de Alencar demonstrava contínua atenção aos vínculos de amizade construídos para ascensão no meio intelectual brasileiro, como revela o seu discurso de recepção ao acadêmico Alberto Faria, desenhado com palavras que sugerem o contrário do que pretende provar: “O elogio que lhe fez Machado de Assis, [...] em 1899, não foi favor de amigo, senão justiça do mais competente

---

<sup>39</sup> Rocha (1998, p. 134) registra que um dos principais motivos para o apoio de Machado de Assis a Mário de Alencar era o de barrar a eleição de Domingos Olímpio, um “desafeto” de Assis.

dos leitores”<sup>40</sup>. A arrematação do discurso de Mário de Alencar em sua própria posse parece resolver a questão: “Senhores, eu vos agradeço cordialmente a indulgência dos vossos sufrágios”<sup>41</sup>.

Em situação semelhante, Lajolo e Zilberman (1996) registram o caso do diplomata Magalhães de Azeredo, que, tencionando entrada no meio literário, também buscou o auxílio de Machado de Assis para publicar e divulgar sua obra, *Procelárias* (1898). Em carta ao consagrado escritor brasileiro, escreveu Azeredo (*apud* LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 75):

O que eu quero [...] é ser estudado com atenção, obter juízo sincero dos competentes, mesmo que eles sejam um pouco severos. O que acharia triste e desolador seria ver apenas mencionado e vagamente louvado, em notícias banais da imprensa diária, um livro feito com amor, e que diz e vale alguma cousa.

A situação comunicativa entre Assis e Azeredo é o retrato de uma relação privada preenchida com os códigos necessários para a inserção social, no caso de Azeredo. Na pequena exemplificação acima, chamam a atenção as palavras escolhidas por Magalhães de Azeredo para comunicar-se com Machado de Assis em troca de êxito em uma meta bem definida — e adentramos aqui em um campo que nos parece confiável, partindo do pressuposto de que, definitivamente, escritores, assim como os falantes comuns, não escolhem palavras inocentemente. Preocupado em ter reconhecimento mediano e ser apenas “vagamente louvado”, o escritor recorre à linguagem afetiva, mostrando tristeza e desolação ante a possibilidade de que um livro “feito com amor” — e, por consequência, com o coração — não receba críticas, ainda que “um pouco severas” — aliás, não muito severas, porque a contestação excessiva costuma ser entendida como ofensa pessoal no mundo do homem cordial (ROCHA, 1998,, p. 166). A escolha lexical de Azeredo projeta uma situação com algum nível de tensão, em que, em face da necessidade de ascender ao meio literário, a opção escolhida é a linguagem do pedido para se achegar a homens distintos (expressa pela adjetivação “competentes”), costurada no ninho das emoções. Azeredo se aproxima, assim, da ideia de que o sucesso público de sua obra não

<sup>40</sup> ALENCAR, Mário. **Discurso de recepção ao acadêmico Alberto Faria**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

<sup>41</sup> ALENCAR, Mário. **Discurso de posse**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br>>. Acesso em: 24 mar. 2012.

depende apenas do conteúdo, mas de sua exposição e aceitação no meio intelectual, aspectos discutidos privadamente.

Deslocando-se do produtor para o produto, a análise proposta por Rocha sugere que, no campo literário do Brasil oitocentista, uma grande parte das construções ficcionais brasileiras registravam o “horror às distâncias”, que para Sérgio Buarque de Holanda constituía “o traço mais específico do espírito brasileiro” (2011, p. 149), através da reintrodução do corpo neste ambiente comunicativo, em uma tentativa de resgatar a proximidade física que as produções impressas tenderiam a apagar. No texto *Amância*, de Gonçalves de Magalhães, esse resgate está presente quando o personagem Sr. Doutor convoca as pessoas próximas para ouvirem a história que está prestes a iniciar: “Escutem meus senhores, minha mãe, prima, maninha, venham ouvir uma história muito bonita” (MAGALHÃES, 1865 *apud* ROCHA, 1998, p. 182).

Não obstante o fato de que a introdução da tipografia no Brasil ocorreu apenas em 1808 com a vinda da Família Real para o Brasil, tornando-se deste modo previsível que os textos carregassem ainda fortes marcas da transição oral-escrito, as obras das décadas posteriores à disseminação do suporte escrito guardavam ainda a oralidade como principal guia linguístico de expressão: “O escritor brasileiro se habituou a escrever como se falasse, vendo no leitor problemático um auditor mais garantido” (CANDIDO, 1993, p. 44). Assim, apesar do suporte escrito, o texto de Magalhães configura-se de forma que narrador e leitor parecem partilhar da mesma perspectiva, em que a transmissão do conto será feita em um ambiente dominado pela fala — as expressões “escutem meus senhores” e “venham ouvir” reforçam essa ideia, e o tratamento familiar presente nos termos “mãe”, “prima” e “maninha” traduzem o necessário elemento afetivo das relações de proximidade.

Como é comum a qualquer literatura, as produções culturais do século XIX, a exemplo de *Amância*, transportavam a realidade do Brasil oitocentista para as letras, caracterizando-se assim pelo “predomínio do campo semântico referente à fala e à audição num dia-a-dia marcado pela predominância da esfera privada” (ROCHA, 1998, p. 188) em uma sociedade tipicamente cordial. Entretanto, a atualidade das formas de convívio marcadas pelo espírito cordial continuam expressas nos textos ficcionais mais modernos. “Senta-te aqui ao meu lado,

amiga, e eu te contarei uma história”, escrevia Jorge Amado (2010, p. 11) em *ABC de Castro Alves*<sup>44</sup>. A constatação da presença do elemento oral em textos literários mais modernos aponta para mais de uma margem de discussão, como uma provável reflexão acerca da conclusão da transição entre fala e escrita — ou, mais precisamente, sobre o processo de letramento — na cultura brasileira e dos perfis de emissão e recepção nos nossos registros intelectuais, temas relevantes para outros estudos. Em última instância, podemos afirmar que a sobrevivência dos registros de auditividade na literatura brasileira moderna e contemporânea e as tentativas de reintrodução do corpo no texto escrito remetem também à atualidade das formas de convívio cordiais presentes no brasileiro.

### 2.3.2 Outros movimentos linguísticos da cordialidade

Algumas outras marcas linguísticas relacionadas ao espírito cordial foram registradas em estudos mais recentes. Sem esquecer-se dos casos elencados por Holanda e Freyre, Lauand (2011, p. 14-17) aponta uma série de exemplos que remeteriam ao homem cordial. O primeiro deles é o caso do verbo “ter”: em situações que envolvem posse, o brasileiro teria adaptado e suavizado o verbo (derivado do latim *tenere*, significando “segurar”, “ser dono”, “agarrar”, etc.<sup>46</sup>), utilizando inclusive a locução “estar com” — “Você está com pressa?”; “Está com sede?” — como substituto do termo verbal, naquilo que representaria um registro formal das posses casuais e provisórias, em modo mais simpático e suave de expressão.

Em sua busca por intimidade, afirma Lauand, o brasileiro utiliza recursos para tornar pessoal e próximo aquilo que estaria distante e no campo impessoal — no nosso ponto de vista, na verdade, embaralhando os dois domínios, ao invés de demarcá-los. O uso nacional do termo “gente”, por exemplo, inverte por vezes o

<sup>44</sup> Rocha também ilustra a atualidade desse ambiente literário cordial em duas passagens históricas semelhantes. Na primeira, em 1867, Machado de Assis descreve a angústia de José de Alencar ao apontar que “ele tinha por si, contra a conspiração do silêncio, a conspiração da posteridade” (ASSIS, 1867, *apud* ROCHA, 1998). Mais de cem anos depois, em 1987, o escritor Luiz Costa Lima queixava-se do tratamento dado pela intelectualidade aos seus livros com a seguinte expressão: “um muro de silêncio os encerra, como se sua alta voltagem os excluísse de nosso próprio circuito” (LIMA, 1991, *apud* ROCHA, 1998, p. 159). A expressão linguística do espírito cordial reflete-se no uso do termo *silêncio* nas duas ocasiões: a cordialidade, que é sempre busca de contato e (sobre)vivência na esfera social, não pode aceitar nunca qualquer forma de mudez.

<sup>46</sup> De acordo com definição do *Dicionário Houaiss Eletrônico*.

sentido de pluralidade, aplicando-se na língua com uma carga de individualismo, como no uso acompanhado de pronomes possessivos (“Minha gente”) ou na substituição de pronomes de 1ª pessoa (“A gente busca algo melhor”). Também refletiriam pessoalização alguns casos de uso do pronome oblíquo, como em “Não me cometa essa barbaridade”, que não seria exatamente um ato contra a pessoa que fala, mas um ato que, se cometido, será tomado como pessoal pelo emissor da oração.

Um último exemplo de destaque apontado por Jean Lauand diz respeito aos usos lexicais que refletem estratégias de suavização de formas simbólicas e apropriação pessoal da coisa pública. E assim a Receita Federal do Brasil passa a ser tratada como “Leão”, inclusive oficialmente; em Fortaleza, o Estádio João Castelo Ribeiro Gonçalves é conhecido apenas como Castelão e o Estádio Manoel Barradas, em Salvador, recebe o tratamento afetivo de Barradão.

Os dados elencados neste capítulo servem como exemplificação da fertilidade de formas linguísticas utilizadas para demonstração de afetividade, quebra de distâncias e construção de intimidades, em postura ora de pedido, ora de subversão das desigualdades, todas relacionadas à personalidade cordial do brasileiro e, exatamente por isso, registradas aqui pelo prisma da estratégia, das máscaras cordiais do nosso cotidiano. De posse desse conteúdo, passaremos adiante a refletir sobre uma das principais máscaras cordiais brasileiras: a máscara política.

### 3 LINGUÍSTICA DO HOMEM CORDIAL: O CAMPO POLÍTICO E O DISCURSO DE ROBERTO JEFFERSON

#### 3.1 A república cordial

Se na vida literária brasileira uma série de estratégias cordiais pode ser percebida no campo da linguagem, o meio político nacional é expressão ainda mais singular das relações de convívio pautadas pela cordialidade. No caso brasileiro, ele guarda e fomenta como em nenhum outro a limitação e a instabilidade da esfera pública, abrindo espaço para a predominância da esfera privada nas relações sociais e, mais precisamente, políticas.

Em *Raízes do Brasil*, ao lembrar o conflito sofociano entre Antígona e Creonte, Sérgio Buarque de Holanda apontava a necessária separação entre o Estado, incluindo-se aqui o sistema político que o fundamenta, e o círculo familiar, que não se relacionariam por gradação, mas antes por uma oposição fundamental: à família pertenceria a lógica do privado, do afetivo e do doméstico; ao Estado caberia estabelecer a lógica da civilidade e da impessoalidade. É precisamente por essa incompatibilidade de princípios que, desde o Império, a formação de homens públicos no Brasil dependeria da retirada dos jovens dos meios rurais e patriarcais, em uma libertação dos laços caseiros por meio de uma “revisão, por vezes radical, dos interesses, atividades, valores, sentimentos, atitudes e crenças adquiridos no convívio da família” (HOLANDA, 2011, p. 144). Entretanto, como as linhas anteriores desta pesquisa procuraram demonstrar, o insucesso desta transgressão representa um dos traços mais característicos da formação social brasileira e, por extensão, da formação política em terras nacionais.

Em grande sentido, a chama de cordialidade na política brasileira mantém-se viva em decorrência das sucessivas crises que abalam a República em periodicidade quase diária, tornando o brasileiro um ser familiarizado aos termos “corrupção” e, mais especificamente, “escândalo”. Em relação ao primeiro, Luandos (2009, p. 161), tendo como base o posicionamento do *Transparency Internacional (TI)*<sup>49</sup>, define a corrupção como a

---

<sup>49</sup> Organização que busca combater a corrupção e promover a transparência dos governos em nível internacional. Dados específicos em <<http://www.transparency.org>>. Acesso em: 03 maio 2012.

inobservância de regras de moralidade e eficiência da administração dos negócios públicos e privados, as quais advêm do princípio da *longa manus*, que, por sua vez, reza que relações pessoais ou familiares não deveriam interferir no poder de decisão econômica ou política.

No Brasil, este continua a ser o principal dilema da administração pública, ainda envolta em uma lógica familiar e fraternal, que todavia já não se confunde apenas com uma herança rural, o que leva a crer, mais uma vez, que o mecanismo cordial se aperfeiçoou e adquiriu novas formas em uma sociedade contemporânea urbana, transformando em marca aquilo que Sérgio Buarque de Holanda considerava como um fenômeno em extinção (LIMA, 2005, p. 114; CASTRO, 1998, p. 30).

Esta pesquisa foi construída em meio a um novo caso de corrupção envolvendo autoridades, líderes políticos e indivíduos relacionados a atos ilegais: de acordo com informações apuradas pela Polícia Federal, o bicheiro Carlos Augusto Ramos, conhecido como Carlinhos Cachoeira, distribuía verbas a indivíduos em posições estratégicas, como deputados, delegados e funcionários da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), em troca de informações privilegiadas, emendas parlamentares e facilitações em geral para benefício de seu esquema de jogos clandestinos em todo o país. Figuras como o senador Demóstenes Torres e os governadores Agnelo Queiroz, do Distrito Federal, e Marconi Perillo, do Goiás, estariam envolvidas no caso de corrupção. Em meio a uma série de ataques e posicionamentos defensivos, chama a atenção a constância de referências à amizade e a possíveis vínculos pessoais entre personalidades públicas. Assim ocorre, por exemplo, na declaração do governador Perillo ao jornal *JATV 1ª Edição*<sup>50</sup>:

[...] Aliás, um dia, na casa do senador Demóstenes, numa reunião festiva, o senador Demóstenes me disse: “Olha, o Carlos Ramos, empresário Carlos Ramos, queria dizer uma coisa”. Ele me disse: “Eu estou fora da contravenção há muito tempo”. E eu disse: “Olha, que coisa boa”.

Ainda que a intenção do governador goiano seja negar o envolvimento no escândalo, Perillo deixa margem para múltiplas interpretações ao tratar francamente de “reuniões festivas” em que estão presentes um governador, um senador e um famoso bicheiro, conversando sobre assuntos relacionados à contravenção. Trata-se de uma manutenção de um *habitus* político brasileiro,

<sup>50</sup> Disponível em <www.youtube.com>. Acesso em: 01 maio 2012.



nos termos de Pontes (2010, p. 83), em que se continua a tratar de temas como o financiamento ilegal de campanhas, o nepotismo e o tráfico de influência como assuntos corriqueiros, que ainda sobrevivem na cena política brasileira através do comportamento cordial de seus atores.

### 3.2 Discursos políticos cordiais: o caso de Roberto Jefferson

No plano do discurso político, Lima (2009) analisou as relações linguísticas e ideológicas contidas nos pronunciamentos públicos de Luiz Inácio Lula da Silva entre 2003 e 2005 — neste período final, ocorria o ápice da crise política do Mensalão. O último discurso investigado — a entrevista de Lula ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, em novembro de 2005 — revela a Lima uma estratégia discursiva de esquiva do então presidente frente aos escândalos políticos do período. Ao analisar o escândalo em questão, o autor evidencia que Lula buscou construir uma imagem de inocência para ele e para seus aliados políticos, em uma tentativa de responsabilizar outros personagens e mesmo desqualificar a veracidade do caso Mensalão, como revela o fragmento seguinte:

**Augusto Nunes** - Presidente, uma dúvida que o Brasil tem pelo menos há seis meses é a seguinte: foi verdadeiro o relato do deputado Roberto Jefferson sobre o encontro que ele teve com o senhor em janeiro deste ano? Teria sido testemunhado pelos ministros — então ministros — José Dirceu, Aldo Rebelo e o ministro Walfrido dos Mares Guia. Ele diz especificamente: ele contou ao senhor o que se passava acerca das irregularidades do Congresso, o senhor teria ficado muito emocionado, teria até chorado e o senhor o abraçou agradecendo as informações que ele havia lhe passado. Isto aconteceu?

**Presidente** - Veja: Aconteceu, aconteceu sem a presença do Zé Dirceu. Aconteceu na presença do Walfrido dos Mares Guia, aconteceu na presença do líder do PTB e do líder do Governo — o atual líder — Arlindo Chinaglia. Ora, na medida em que há essa insinuação ou essa afirmação de um deputado, o que que eu fiz? Nós tínhamos o Aldo Rebelo como líder do Governo no Congresso. Nós tínhamos o Arlindo Chinaglia como líder do PT e eu pedi aos dois que explicassem se era verdade. Eles categoricamente disseram que isso era uma peça de ficção. Que não existia “Mensalão” dentro do Congresso Nacional e pelo que consta até agora — Até agora! — não foi provado que há “Mensalão”. Tem 513 deputados e até agora o que foi cassado foi cassado porque contou uma inverdade sobre o Congresso Nacional (LIMA, 2009, p. 84, transcrição do autor).

É evidente que a situação comunicativa em tela — a posição de presidente da República, a visibilidade da entrevista, a proximidade de um número considerável de entrevistadores (típico da proposta do *Roda Vida*), o direcionamento do discurso a aliados e adversários políticos, além das

consequências em relação à opinião pública — coloca Lula em sua posição tradicional de negociador, na busca por atingir positivamente o maior número possível de pessoas. Todavia, a gravidade das denúncias e a cobrança dos entrevistadores do *Roda Viva* por respostas mais concretas geraram posicionamentos mais específicos do ex-presidente, revelados pelo uso de alguns itens lexicais como “peça de ficção”, para caracterizar o Mensalão, e “até agora”, duplicado e ressaltado, em relação aos possíveis acusados. No tocante às acusações contra aliados, o discurso de Lula “demonstra a confiança que deposita neles [*aliados*] e transfere para o personagem Roberto Jefferson a responsabilidade de ter levantado um embuste sobre outros deputados” (LIMA, 2009, p. 83).

As referências do ex-presidente Lula a Roberto Jefferson (PTB-RJ) são de um momento posterior à cassação do mandato do deputado, em 14 de setembro de 2005. Antes, Jefferson foi o principal denunciante do esquema de repasse de propina a parlamentares em troca de apoio nas votações no Congresso, em escândalo que derrubou uma série de autoridades de cargos de destaque e que continua em pauta até hoje, tendo em vista o julgamento do caso pelo STF em 2012.

Além da dimensão e do impacto público do caso, principalmente pelo possível envolvimento do então presidente da República em atos ilícitos, o escândalo do Mensalão também ganhou os holofotes pela capacidade de oratória demonstrada por Roberto Jefferson durante a divulgação de informações sobre o caso, quando utilizou “todos os recursos de que dispunha para [...] fazer seu show: dramaticidade na fala, entonações e pausas estratégicas, citações, tratamentos mais formais, informais, expressões faciais, gestos, dentre outros” (MENDES, 2007, p. 47). O ambiente criado pelo discurso de defesa de Jefferson no Plenário da Câmara dos Deputados, principalmente pela atenção nacional à fala do então parlamentar, pela necessidade de defesa contra uma série de acusações e pelo objetivo de comover os demais deputados como forma de escapar da cassação potencializam uma análise linguística focada na identificação das marcas de cordialidade presentes no discurso.

Assim, com a intenção de demonstrar a faceta cordial presente no personagem Roberto Jefferson, passaremos adiante a analisar pormenorizadamente, pela

perspectiva da seleção lexical, o discurso de defesa do ex-deputado, proferido na sessão ordinária número 246.3.52.O, de 14 de setembro de 2005, com duração de 40 minutos, aproximadamente. A análise tomará como base a transcrição disponível do sítio da Câmara dos Deputados. Ressalte-se que, durante o discurso, Jefferson não utilizou suporte escrito, o que permite a proximidade relativa do estudo com a espontaneidade oral do discurso, marca própria da personalidade cordial tratada no capítulo anterior. Como forma de facilitar a análise, dividiu-se o discurso em 79 fragmentos, na mesma sequência textual, reproduzidos integralmente abaixo:

Sessão: 246.3.52.O Hora: 16:06 Fase: OD Orador: ROBERTO JEFFERSON, PTB-RJ Data: 14/09/2005

- (1) **O SR. ROBERTO JEFFERSON** (PTB-RJ. Sem revisão do orador.) - Obrigado, Sr. Presidente.
- (2) Exmo. Sr. Presidente, Srs. Deputados, Sras. Deputadas, cidadão do Brasil que me ouve, cidadã do Brasil que me ouve, começo percorrendo esta defesa em causa própria por uma via não muito comum aqui na Casa. Confesso a dificuldade de fazê-lo, viu, Laurinha? Sou bom advogado para os outros. Para mim...
- (3) Quero agradecer, em princípio, às mulheres que me permitiram chegar a este momento importante que vivo hoje na minha vida. A minha avó Petiza, força vital. Um jequitibá. Não quebrava, não vergava. Perdeu, precocemente, 2 filhos, o marido, mas não cedeu. Não caiu. A minha mãe, Neusa, com sua fé inabalável em Deus, sua força espiritual para enfrentar adversidades. A Ecila, mãe de meus filhos e avó de meus netos, amiga, guerreira, conselheira. Foi pai e mãe de meus filhos. Deu-me a retaguarda para ir à luta, porque a luta política faz isso conosco, nos transforma em pais ausentes. A Cristiane, minha filha - fisicamente, a mãe, mas o espírito é meu. Sonhei para você, meu amor, a carreira da magistratura. Pedi até a sua professora, Juíza Denise Frossard, que a influenciasse, para que você persistisse na escola de magistratura e fosse uma juíza. Mas a Laurinha, nossa irmã e amiga, conversando com você, convenceu-a a seguir a vida pública. Sucesso, meu amor! Agradeço a você pelos meus 2 netos: Christian e Catarina. A Fabiana, minha filha. Parece comigo fisicamente, mas herdou da mãe a doçura. Já me deu 3 netos: o Vítor, o Artur e o Bernardo. A Mary Land, minha querida prima, que, lá adiante, sempre costura a união entre a família.
- (4) Eu quero agradecer às mulheres que trabalharam comigo. Não tenho preconceito contra homem - quero que este Plenário, de maioria masculina, entenda isso, ouviu, Capixaba, ouviu, Presidente? -, mas a minha assessoria sempre foi feminina, e isso sempre me permitiu o sucesso.
- (5) Quero agradecer, primeiro, às minhas colegas Deputadas: Elaine, Edna e Kelly. Obrigado a vocês, queridas.
- (6) Quero agradecer a uma amiga querida lá do Rio Grande do Sul, gaúcha, a maior oradora feminina que conheço: Sônia Santos, minha amiga.
- (7) Quero agradecer a 2 pessoas especiais que tiveram marca na minha vida, a Heloísa e a Nádia, na Comissão de Seguridade Social. Hoje, elas estão em

Lideranças, no Conselho de Ética, mas construíram o sucesso dos meus 2 mandatos de Presidente na Comissão de Seguridade Social.

(8) Quero agradecer a Carla, minha companheira, Secretária do PTB, e a todos os companheiros da sede do partido. A Marli Guaraciaba, Chefe de Gabinete da Liderança do PTB - fez uma Liderança fraterna, querida, leal. Ela e todas as meninas que compõem a nossa Liderança. Obrigado, Marli e todas as companheiras da Liderança do PTB. A Ana Crivelaro, minha Secretária no Rio de Janeiro, silenciosa, observadora, mas amiga e leal. A Denise Conde, minha Secretária aqui, no meu gabinete em Brasília, mulher despachada, diligente, incansável. A Solange Beiró. Vinte e três anos comigo no meu gabinete. Vinte e três! Quando entrei no gabinete, já encontrei a Solange lá. Vinte e três anos do meu lado. Ela tem mais convivência comigo do que minha família. Amiga, leal, correta, companheira querida.

(9) Agradeço às minhas 3 assessoras de imprensa. A Íris Campos, a sua lealdade, a sua estratégia - que pessoa especial! - e o apoio que me deu nesses 90 dias mais difíceis da minha vida. A Luíza Pastor. O impressionante na Luíza é o foco. Ela pode ler todos os jornais e revistas e dizer: "O foco é este, o resto é encheção de lingüiça". A Maria Tereza, nossa Tetê, sua capacidade de pesquisa, a redação que tem e o carinho com que trata todos os colegas de imprensa que procuram pela gente.

(10) Agradeço a Verinha, da New Vision, minha companheira de PTB. Fé, lealdade, parceria. Agradeço a Denise Tavares e a Kátia Almeida, minhas professoras de canto e de música, todas duas. Elas são responsáveis pelas manhãs mais felizes que venho vivendo neste último ano de minha vida. Obrigado às duas. Elas me ensinaram que cantar é abrir o peito, é abrir o coração, é uma doação que a gente faz do espírito, é uma doação que a gente faz da alma.

(11) Agradeço a Ana Lúcia, minha companheira, sua meiguice, ternura, doçura, paciência, serenidade e o amor que me devota.

(12) Agradeço à minha cidade de Petrópolis o apoio e a solidariedade. Ao meu amigo Padre Jac, conforto espiritual. Agradeço aos amigos Joenes, Ronaldo Medeiros, Vereador Vadinho, meu irmão, Vereador Canela, que aqui está, lá de Paraíba do Sul, meu irmão. Agradeço ao meu avô Ibrahim, já falecido. Foi ele o responsável na família pela veia poética, a observação da vida e o desprendimento.

(13) Esse meu avô Ibrahim, naturalizado brasileiro, chegou do Líbano no início do século passado. Ele lia o jornal e dizia assim para a gente: "Meu neto, atrás de toda manchetonada escandalosa tem um interesse maior e mais escandaloso".

(14) O jornal que vive de manchete escandalosa, de libelos, quer acertar sempre com o Governo. Quanto mais panfletária é a manchete, maior é o cheque que vão sacar no banco oficial.

(15) Refiro-me a O Globo. Na área econômica, na área cultural, na área de esporte, não tenho nada a dizer de O Globo. Mas, politicamente, é um jornal amoral. Falido, fiou-se sempre nos cofres públicos, nas contas do povo do Brasil. O povo do Brasil paga as contas de O Globo.

(16) Eu vi o empresário da Schincariol ser preso por 1 bilhão e 200 milhões, algemado, imprensa. Arrombaram a casa. Iam botar uma bomba na porta. Mas só de INSS O Globo deve mais de 1 bilhão e 200 milhões - está lá na Superintendência da Polícia Federal o processo por apropriação indébita, porque é da parte do trabalhador- , e a Polícia Federal não prende ninguém de lá. Na Schincariol, mete a algema; em O Globo, o rabo entre as pernas. Não consigo

entender por quê. Será que à espera de elogios no Jornal Nacional ou daquela coleção olímpica de grandes intelectuais que assinam coluna no jornal O Globo?

(17) Dois bilhões e oitocentos milhões já levou do BNDES, à custa do Brasil, para não fechar. Porque sacou 2 bilhões de dólares à época do Governo Fernando Henrique, quando o dólar era um por um, e hoje deve o que não pode pagar. Mas vende a manchete política, caderno econômico, e tenta calar todos aqui no Congresso Nacional.

(18) Vovô Ibrahim, você sempre teve razão nisto, meu velho: quanto mais panfletária é a manchete, mais amoral é a direção e a redação política do jornal.

(19) Agradeço ao meu avô Djalma pelo patriotismo com que me inspirou e pelo espírito de aventura que colocou no meu coração. A meu pai, Roberto Francisco, a coragem moral e a disposição para o trabalho. A meu filho, Roberto Jefferson Filho, o exemplo de vida, a força para viver, a superação da dor, do medo, a superação de intempéries. A Marcus Vinícius, meu genro, jovem de 30 anos, casado com Fabiana, que já meu deu 3 netos. Marcos Vinícius, agradeço a você por sua lealdade, por sua coragem e por sua serenidade. Você foi testado, passou por momentos difíceis na CPI, o que não é fácil, pois tentaram atingir a mim. E você se saiu muito bem, com equilíbrio, com bom senso, com serenidade.

(20) Agradeço ao Líder José Múcio, que tem sido um gigante em minha defesa. Meu amigo, obrigado a você, você tem se desdobrado, tem sido correto, parceiro, leal. Agradeço ao Fleury, ao Marquezelli, ao Arnaldo Faria de Sá, ao Eduardo Seabra e a nossa cabocla Jurema. Ao meu irmão Capixaba, amigo querido, presente todo o tempo, ao Dunga, ao Silas Câmara, a todos os meus companheiros e minhas companheiras do PTB.

(21) Agradeço aos meus advogados Luiz Francisco Barbosa, do PTB do Rio Grande do Sul, companheiro de partido, e Itapuã Messias, do PTB do Distrito Federal, companheiro de partido. Agradeço ao Presidente do PTB, Flávio Martinez, em memória ao meu amigo José Carlos Martinez, que foi Presidente do PTB.

(22) Agradeço aos amigos - alguns estão aqui - Lino, Viviane, Marco Antônio Miranda e Bia, Seu Walter, da Liderança; Ari, meu amigo especial da Liderança; Henrique, de Aquidauana; Totó Queiroz, meu irmão, de Paraíba do Sul; Tatão Paiva, Buck Jones, de Petrópolis; Anésio, meu companheiro há 23 anos, pensa como eu, tem a mesma vibração da inteligência; Murilo Rampinis, Mané Rampinis, Norberto, Edu - Edu é meu motorista há 25 anos, meu filho mais novo ou mais velho, testado; Pedro Henrique, Pedrão, Marco Aurélio, meu companheiro de gabinete há 16 anos aqui na Câmara dos Deputados.

(23) Hoje, quando me preparava para este momento - volto a dizer não é simples a defesa em causa própria, Landim, meu amigo -, encontrei uma passagem de Berryer, advogado francês que disse diante do tribunal revolucionário: "Trouxe aqui minha cabeça e minha palavra. Vocês poderão dispor da primeira após ouvir a segunda". É assim o começo da minha defesa no Plenário da Câmara dos Deputados.

(24) Ouvi pacientemente o Relator do Conselho de Ética. O relatório funda-se em 5 pontos.

(25) Primeiro, não comprovou o mensalão. O povo do Brasil que julgue, em especial o povo da Bahia, o relatório daquele moço que diz que o mensalão não é comprovado. Veja se o relatório dele condiz com o sentimento do povo do Brasil, da mídia nacional, do que está dito hoje aqui no Congresso.

(26) Duas CPMLs foram instaladas: a CPML dos Correios e a CPML do Mensalão. E o Relator do Conselho de Ética diz que não existe mensalão. Devo dizer ao Relator que essa só contaram para você.

(27) Segundo, ter feito as denúncias para tirar de si mesmo o foco das acusações. Mesquinha a colocação, pequena, da altura de um homúnculo.

(28) Tentaram colocar no meu colo, plantaram um crime que eu não cometi na minha vida, uma relação espúria com o Sr. Maurício Marinho lá nos Correios, e tentaram a partir do momento em que 2 vezes consecutivas eu falei ao Presidente Lula sobre a existência do mensalão.

(29) O Sr. Lange, da ABIN, que gerou até uma crise, quando o Diretor da ABIN disse que a CPI era de bestas-feras, disse que foi mandado para a CPI para investigar o PTB lá nos Correios. Não encontrou nada, a não ser um boquirroto chamado Maurício Marinho, que, sem poder algum, ficava pegando 3 mil, 2 mil, 5 mil, como ele confessa à Polícia Federal, num total de 20 mil reais. E quando foi para a área de operações, onde estava o PT, com o Sr. Silvinho Pereira, e foi para a área de informática, onde estavam o Sr. Silvinho e o Sr. Delúbio, recebeu ordens do Palácio para parar. Isso foi dito na CPML dos Correios.

(30) Tentaram plantar na minha vida uma relação que nunca tive com o Sr. Maurício Marinho. Tentei a via da negociação, até num discurso que fiz nesta Casa logo a partir da matéria. Se não me engano, a matéria foi em meados de maio. No dia 16 de maio, estive nesta tribuna e dei cabal explicação. Trouxe o depoimento do Sr. Maurício desmentindo a matéria. O depoimento repetiu-se, a matéria foi desmentida, mas passou a prevalecer como verdade ele ter recebido, em meu nome, 3 mil reais lá nos Correios.

(31) Não posso evitar que alguém, abusando da confiança ou não, ou de uma relação que não existe, peça dinheiro em meu nome. E nenhum de vocês pode evitar que isso aconteça.

(32) O Sr. Rogério Buratti fez isso com o Ministro Palocci, traiu a confiança dele, pegou dinheiro dizendo que era em nome do Ministro Palocci. Sabemos que não. O Ministro tinha o Buratti como amigo, recebia-o em casa de madrugada, o Buratti foi seu Secretário de Governo por 4 anos. E eu não sou amigo do Sr. Maurício Marinho, ele não é do PTB, não tenho relação com ele.

(33) Para o Buratti, em relação ao Ministro Palocci, é um julgamento; para o Sr. Maurício Marinho, em relação a mim, é outra coisa.

(34) Tenho visto neste famoso jornal O Globo, que escreve com letrinha miudinha essas coisas. Só para a Presidência dos Correios, o Marcos Valério ligou mais de 155 vezes. O Delúbio, também. Quem coordenava aquilo tudo era Delúbio Soares. E Marcos Valério.

(35) Tentaram colocar no colo do PTB os escândalos praticados e cometidos nos Correios. E o Relator tem coragem de dizer que eu quis tirar o foco de cima de mim. Oh! Relator, tive uma árdua tarefa, conversei, está ali o Líder do Governo, Deputado Arlindo Chinaglia, que esteve comigo lá em casa e me pediu que eu assumisse. Um delegado diligente faria um inquérito independente, e encerraríamos a situação política. Não pediu em nome do Governo, mas em nome pessoal. E eu disse: "Chinaglia, não posso acreditar no Governo, porque o Governo não tem palavra. Em você eu creio, mas no Governo, não".

(36) Quando estiveram lá em casa, de manhã cedo, o Ministro Aldo Rebelo - na véspera de o PTB decidir se assinava aquela CPI, logo no princípio de junho, não, final de maio -, o Ministro José Dirceu e o Ministro Palocci (já disse isto aqui, da tribuna), o José Dirceu afirmou 2 coisas que para mim são importantes, porque eu bati duro nele.

(37) Eu disse a ele: "Isso não é papel de homem. Vocês não agem corretamente. Vocês jogam fora os companheiros de aliança como se fossem bagaço de laranja de que vocês já chuparam o caldo. Isso não é papel de homem, José Dirceu".

(38) Ele falou: "Roberto, olha, não fui eu, não. Você me conhece. Sou um cara de enfrentar a briga de pé e não tenho nenhuma ascendência sobre o Ministro da Justiça".

(39) Estava lá que o Ministro iria fazer um pronunciamento à Nação no dia 6, segunda-feira, para falar da corrupção que a Polícia Federal estava desvendando no IRB, nos Correios e na ELETRONORTE, colocando no colo do PTB, para enterrar a CPI na Comissão de Justiça e o meu partido ser sacrificado no escândalo de um crime que não praticou. E nisso José Dirceu foi correto comigo. Passei a pensar: quem é que tem ascendência sobre o Ministro da Justiça? Quem?

(40) Outra coisa que o José Dirceu me falou - mas estou vendo que ele está perdendo, agora que deixou de ser Ministro - é que, em O Globo, ele acertava por cima. Estou vendo que o Zé está começando a ser escanteado pelo jornal, que já percebeu que ele não é mais poder.

(41) Quarta acusação que me faz o relatório: ter-se omitido e não revelar o mensalão assim que soube. O Relator está de brincadeira. Fiz peregrinação. Ao José Dirceu, como Ministro-Chefe da Casa Civil, falei isso uma 10 vezes. Falei ao Ciro. Depois nós descobrimos que o Márcio, Secretário-Executivo do Ministério, tinha recebido do Marcos Valério 500 mil reais para saldar contas de campanha. Mas falei ao Ciro, com lealdade. Ele disse: "Eu não acredito nisso". Falei ao Ministro Miro Teixeira. Estava acompanhado do José Múcio. Conversei com eles: "Isso vai dar zebra". Falei com o Presidente da República. O que queriam de mim? O Lula na descendente, o PT se desmanchando, estou aqui para ser cassado. Imaginem no início do ano passado, quando O Globo dizia que o Lula era o maior Presidente do mundo. Qual era a condição que eu tinha de denunciar isso?

(42) Eu busquei, pela via do entendimento, tentar colocar um ponto final nisso. Disse ao próprio Presidente: "Presidente, o Delúbio vai botar uma bomba debaixo da sua cadeira. Esse mensalão é um escândalo". Eu nunca vi uma coisa igual na minha história parlamentar. Se o Relator fica ofendido com a palavra mensalão, seus ouvidos pios se ofendem, chame do que quiser, bimensalão, trimestralão, mas essas transferências constantes de recursos para alugar os partidos da base aliada tinham de acabar.

(43) Última acusação do honrado Relator baiano, o campeão da ética, o primo da D. Carmen. Já que ele é o campeão da ética, permito-me contar aqui certa passagem. Seu Carneiro não vai zangar se eu contar. Ele, numa só noite, deu uma canetada, quando Chefe da Casa Civil do Governo João Durval, e contratou 16 mil pessoas, entre elas a prima da D. Carmen, uma cabo eleitoral dele em Feira de Santana, na Bahia. Ele escreveu isso no papel, e o jornalista do Diário Oficial, que devia ser do PT, espírito de porco, publicou.

(44) Então, ele ficou conhecido na Bahia como o primo da D. Carmen. E vem aqui com essa conversa de ético. Dezesseis mil numa canetada só, um assalto aos cofres da Bahia, mas se vestiu com aquela capa de cordeiro. A alma é do lobo - sheep, em inglês; wolf, em alemão. (Risos.) Só que ele deveria ter pesquisado, porque quem manda no IRB é a turma da Interbrasil.

(45) **O SR. PRESIDENTE** (José Thomaz Nonô) - A Presidência prorroga o tempo de V.Exa. por 10 minutos. A Casa quer ouvi-lo. (*Palmas.*)

(46) **O SR. ROBERTO JEFFERSON** - O Deputado Jairo Carneiro deveria ter visto que os interesses do IRB não são do PTB. Quando o ex-Presidente do IRB procurou o Sr. José Carlos Martinez, Presidente do partido, ofereceu formar um grupo de brokers para ajudar por dentro o meu partido. Confesso isso porque foi algo legal, não foi caixa 2 da Interbrasil para eleição de Goiânia, como está sendo denunciado hoje e que o Relator não sabia. Foi algo correto, e o ex-Presidente do IRB já falou à Polícia Federal, ao Ministério Público. Em momento nenhum, ele afirma ter sido chantageado ou pressionado pelo PTB para praticar irregularidade à frente daquele órgão.

(47) O Relator, vendo que seu relatório se desmanchava como uma pilha de açúcar em que se joga um jarro de água, tentou apelar para todos os lados para ter sustentação, fugindo da denúncia que me moveu o Presidente do PL, Deputado Valdemar Costa Neto. Ele disse que eu menti quando denunciei o mensalão. O resto das acusações que não constavam da denúncia... E eu falo para um Parlamento que faz leis, o que não é da denúncia não é competência do julgamento. Ele foi aditando, sem abrir prazo à defesa, e ainda achou que podia ficar zangado quando o Dr. Barbosa Lhe disse que era um atitude fascista. É fascista e indigna da democracia.

(48) Sr. Presidente, Srs. Deputados, o Governo do Presidente Lula promoveu - e este é o Governo mais corrupto que testemunhei nos meus 23 anos de mandato - o mais escandaloso processo de aluguel de Parlamentar. Escolheu o Ministro José Dirceu como uma espécie de Jeane Mary Corner (*risos*), o rufião do Planalto, para alugar prostitutas, o que ele entendia poder fazer na Câmara dos Deputados. Tratou esta Casa como se fosse um prostíbulo. Aliás, sempre conversou nesse sentido. As conversas com ele sempre começavam nesse nível, as festas, para depois ficar na ante-sala do Presidente, do jeito que ele queria conduzir, de maneira anti-republicana.

(49) Não acuso o Presidente Lula de participar de desonestidade. Ele é como José Genoíno. Ontem, assisti ao José Genoíno na CPMI. Ele assinou contrato de empréstimo de 17 milhões de reais, outro de 2 milhões de reais, mas não leu. (*Risos.*) Houve o acordo político-financeiro com todos os partidos da base - o meu, em especial, tratei com ele diretamente -, mas ele não se lembra e não fez. O Presidente Lula é uma espécie de Genoíno na Presidência da República, não sabe o que lê, não sabe o que assina, não sabe o que faz. Ele é o Genoíno do Planalto, e deu a mãos erradas, a Luiz Gushiken e José Dirceu, a confiança que o povo do Brasil depositou nele. Errou.

(50) O meu conceito do Presidente Lula é que ele é malandro, preguiçoso. Não sei se já chegou da Guatemala. O negócio dele é passear de avião. De governar que é bom, ele não gosta. E delegou. E essa cúpula... Esconderam debaixo da saia da Chefe da Casa Civil o Gushiken, o José Dirceu já mandaram para cá. Essa cúpula desonrou a confiança que Lhe foi depositada pelo Presidente Lula. Se ele não praticou o crime por ação, pelo menos por omissão.

(51) Ao ler hoje o primeiro capítulo de A Guerra de Tróia, lembrei de Éris, a Deusa da Discórdia. O Governo fez isso com a base aliada. Foi ao pomar, escreveu num pomo, numa maçã "À mais bela" e jogou-a entre nós, os partidos. E fez aqui na Casa o conflito, como se fôssemos valhacouto de corruptos. Estamos numa guerra fratricida entre nós quando a corrupção está na praça do lado de lá. De lá partiu a corrupção. De lá! (*Palmas e apupos nas galerias.*)

(52) **O SR. PRESIDENTE** (José Thomaz Nonô) - A Presidência determina à segurança que, na próxima intervenção, faça esvaziar as galerias.

(53) Tem V.Exa. a palavra, nobre Deputado Roberto Jefferson.



(54) **O SR. ROBERTO JEFFERSON** - A corrupção partiu de lá. As ligações do Sr. Marcos Valério são para o gabinete do Presidente também: 111. Ontem, esteve aqui a D. Katia, Presidente do Banco Rural. Foi levada pelo Marcos Valério 3 vezes à presença do Sr. José Dirceu. O Sr. José Dirceu levou os empresários portugueses do Banco do Espírito Santo, da Portugal Telecom, e mandou para lá o Marcos Valério como embaixador do Governo brasileiro junto a esses interesses em Portugal.

(55) Sr. Presidente, jamais fiz - e aqui tenho velhos companheiros ao meu lado - desta tribuna a tribuna do libelo. Deixei sempre isso para o PT. Nunca fiz escada na desgraça alheia para poder crescer como Parlamentar. Não sou como o Genoíno, que vi sustentando aqui libelos gravíssimos contra os companheiros e que ontem, de rabinho entre as pernas, disse: "Não vi, não li. Se assine, não sei". Mentiu descaradamente ao Brasil lá na CPMI.

(56) O PT não tem projeto de governo. Quero dizer o PT nesse Campo Majoritário e essa cúpula que assaltou o Brasil. Rato magro. Quem nunca comeu mel quando come se lambuza. Rato magro. PC Farias é aprendiz de feiticeiro ante essa gente que assaltou o Brasil. Rato magro. Mas nunca bati no peito para dizer que sou o paladino da ética e o campeão olímpico da moralidade.

(57) Os que vituperavam isso do lado de lá hoje não têm coragem de olhar nos olhos da Nação porque todo fariseu, todo farsante impreca culpa ao adversário como se fosse um biombo para esconder seus defeitos.

(58) E o PT fez isso a vida inteira. Recordo-me dos ódios que vivíamos no plenário, quase as vias de fato, contra a política econômica do Malan, do Fernando Henrique. Hoje, a política é a mesma. Ou mais ortodoxa.

(59) Rasgaram o discurso da política econômica, e a única coisa que o nosso Presidente Lula sustenta é que a política econômica está dando certo. E a social que os proxenetas de partido, os rufiões de sonhos, os cafetões da dignidade do Congresso ofereceram ao povo do Brasil? Onde está? Ética, moralidade, o PT não rouba e não deixa roubar. Ouvi isso da cúpula do partido. Rouba, mas rouba sozinho. E rouba muito.

(60) O rei está ficando sozinho no tabuleiro. Já queimou os peões, está perdendo a base, está queimando as torres, os cavalos, os bispos. Não duvido da mão do Governo empurrando para o pelotão de fuzilamento o Severino, porque não acredite o PP que o PT, quando elogia, está dando a mão. Vivi esse processo lá em casa: o Presidente Lula me elogiando e o Zé Dirceu cravando a faca nas minhas costas. Um me alisava e o outro me espancava.

(61) Não creiam que o PT faz isso porque o PT não tem amor. Só tem da cabeça para cima. Não tem solidariedade, fraternidade, amizade. Não sabe o que é isso. Usam-nos como uma laranja: chupam o caldo e escarram o bagaço.

(62) Aliás, sempre disse isso ao meu partido. É que fui voto vencido. Disse sempre à minha bancada: "Não vamos confiar nessa gente. Essa gente não merece nossa confiança, nem nossa consideração. Essa gente não tem afeto, nem amor. Essa gente não ama o ser humano. Eles amam uma abstração jurídica, que é um Estado ideal que eles sonham, e odeiam todo ser humano que se conflita com esse ideal de Estado que nutrem no seu coração e embalam".

(63) Rufiões da Pátria! Proxenetas do Parlamento! Rolaram entre nós a maçã envenenada, e estamos aqui.

(64) Ontem, vi todo o mundo de braço dado dizendo: "Vamos destruir o Severino". Amanhã, "vamos destruir o Roberto Freire". Depois, "vamos destruir o Gabeira".

(65) A coisa está assim entre nós. E a turma que financiou isso vai ficar de fora? Tem Ministro que recebeu mensalão. Crime administrativo claro. Eles não

vêm depor na CPMI, não são pesquisados, não são confrontados, e a culpa é só nossa. Somos a Geni do Brasil.

(66) O Marcos Valério era empregado da Câmara? Trabalhava para nós? Trabalhava para os Parlamentares? Não. Coagia em nome do Governo e do partido do Governo.

(67) Sr. Presidente, temos que atravessar a Praça. Temos que ir ao Palácio do Planalto fazer a investigação que precisa ser feita. Essa é a resposta que o povo do Brasil quer de nós.

(68) Por que sacrificar mandato parlamentar? Já vi tantas vezes isso! É sempre um esquema. Quem vamos cassar? É como são essas CPIs aqui. Vamos fazer um acordão aqui, vamos pegar uma cabeça grande, vamos dar o Roberto Jefferson, o Zé Dirceu, vamos ver por baixo quem a gente dá. Foram sempre assim as CPIs nesta Casa. E a gente encerra.

(69) Mas o Parlamento não pode sair de joelhos disso. Quando fui eleito Deputado Federal, ganhava líquido 11 mil dólares, em torno de 30 mil reais por mês. Isso em 1982. Hoje, um Deputado ganha 8 mil reais. Trinta mil é a diferença do mensalão. E essa elite que paga a mídia nos coloca de joelhos para isto: para que não tenhamos independência para votar contra eles.

(70) Lembro-me dos discursos contra os decretos-lei da ditadura militar. Jesus, nem os generais ousaram tanto com o decreto-lei como fazem com a medida provisória.

(71) **O SR. PRESIDENTE** (José Thomaz Nonô) - Nobre Deputado Roberto Jefferson, o momento é grave e a Mesa já concedeu a V.Exa. 39 minutos. Peça que conclua.

(72) **O SR. ROBERTO JEFFERSON** - Sr. Presidente, a medida provisória desmoraliza a Casa. O que fazemos todo dia é referendar medida provisória. O processo legislativo não nos pertence mais. Vivemos o humor dos técnicos do Ministério da Fazenda ou do Banco Central. Todos os dias, chega medida provisória nesta Casa, que está se ajoelhando, que está se agachando.

(73) Pegamos a maça envenenada que o Governo colocou no meio da mesa dos deuses, porque aqui não tem índio, só tem cacique, e estamos vivendo uma hora fratricida.

(74) Cumpri minha missão. Não arredo uma vírgula do que disse, nem mudo uma palavra do que já falei. Quero dizer aos meus companheiros e às minhas companheiras que essa luta, de maneira sórdida, foi colocada entre nós. Queima o Severino, o Maluf, o Roberto Jefferson, o Janene, o Pedro Corrêa. Vamos queimando, mas não estamos puxando a barba do bode. Temos que puxar a barba do bode para mostrar onde está o DNA da corrupção que desgastou a imagem do Congresso Nacional.

(75) Encerro, Sr. Presidente, agradecendo a V.Exa. a oportunidade que me deu, à Mesa, aos companheiros de partido.

(76) Entrego meu mandato nas mãos de V.Exas. Há 23 anos, sou Deputado Federal. Confesso que estou um pouco cansado. Mas honrei o Parlamento. Todos os dias, investigam minha vida e não conseguem colocar nada nos jornais que possa ferir minha honra. Não tenho conta no exterior, não tenho patrimônio acima da minha renda. Todos os dias, eles me investigam e não conseguem fazer uma acusação contra minha honra e minha dignidade.

(77) Se tiver de sair daqui, saio de cabeça erguida, com o sentimento da missão cumprida, Laurinha.

(78) Tirei a roupa do rei, mostrei ao Brasil quem são esses fariseus (*palmas*), mostrei ao Brasil o que é o Governo Lula, mostrei ao Brasil o que é o Campo Majoritário do PT.

(79) Muito obrigado aos senhores pela paciência de me ouvir. (*Palmas prolongadas.*)

A ambientação do discurso de Roberto Jefferson cumpre papel importante por sugerir, inicialmente, que a defesa do deputado em julgamento seguiria um nível mais formal de discurso, ainda que desenvolvido oralmente. A exposição no Plenário principal da Câmara dos Deputados, com a presença de 489 deputados<sup>52</sup>, e o caráter de julgamento definitivo do processo de cassação justificariam esta posição discursiva. Essa noção é relevante exatamente para analisar as variações e os diferentes níveis de formalidade, informalidade, emotividade/afetividade e polidez presentes no discurso.

Em linhas gerais, o discurso de Roberto Jefferson pode ser dividido em três momentos principais: o primeiro é afetivo, com referências à família e a companheiros partidários e pessoais de Roberto Jefferson, em tom de agradecimento e reconhecimento (fragmentos 1 a 13); o segundo, de transição, sugere a tomada de um tom mais agressivo, mas retoma pontualmente a perspectiva afetiva, transitando momentaneamente entre os dois níveis (fragmentos 14 a 44); e o terceiro, de atitude francamente agressiva (fragmentos 45 a 79).

A referência constante a uma série de personagens, relacionados ou não ao escândalo do Mensalão, e a quantidade de qualificações utilizadas por Jefferson no discurso indicam uma análise voltada para essas duas categorias estratégicas, permitindo finalmente o acesso ao campo lexical do discurso. Adiante, desenvolveremos cada categoria individualmente, apresentando o número do respectivo fragmento sempre entre parênteses.

### 3.2.1 Estratégia 1: nominativos

No primeiro momento de sua exposição oral, Roberto Jefferson avisa que sua defesa será desenvolvida “por uma via não muito comum aqui na Casa” (2), em provável referência à estrutura escolhida pelo deputado para o discurso. A mensagem tem direção certa: “viu, Laurinha?” (2), com construção no diminutivo e sugestão afetiva em relação à primeira personagem do discurso, em uma indicação prévia do modo de condução da defesa.

---

<sup>52</sup> Dados disponíveis em <<http://www.camara.gov.br>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

Conforme apontamos anteriormente, a abertura do discurso de defesa de Jefferson é marcada por referências à família e a pessoas que mantêm relação de lealdade com o deputado. Para estes indivíduos, o deputado utiliza em geral apenas o prenome, como na referência às mulheres de sua família:

(3) Petiza, Neusa, Ecila, Cristiane e Fabiana

mas também em relação às deputadas que se aliam a Jefferson e àquelas que trabalham com o deputado

(5) Elaine, Edna e Kelly;

(7) Heloísa, Nádia;

(10) Verinha.

Há algumas exceções, em momentos pontuais em que Jefferson também utiliza um sobrenome ou nome da família, mas que são prontamente completados por alguma qualificação ou tratamento afetivo, como em:

(9) A Maria Tereza, nossa Tetê.

Também aos homens próximos a Jefferson são reservados tratamentos nominais mais íntimos ou de reverência, como no caso de:

(4) ouviu, Capixaba, ouviu, Presidente? (uso de gentílico e do título em substituição ao nome, no fragmento);

(12) aos amigos Joenes, Ronaldo Medeiros, Vereador Vadinho, meu irmão, Vereador Canela [...] ao meu avô Ibrahim.

O uso de nomes ou apelidos pode ser considerado comum no círculo familiar, de intimidade, mas as mesmas denominações para figuras públicas e profissionais demonstram, efetivamente, a transposição da lógica familiar para a vida pública.

Em um segundo momento do discurso, preparatório para a argumentação em torno das acusações que o levariam à cassação, Roberto Jefferson mantém as referências aos indivíduos que considera como próximos:

(18) Vovô Ibrahim;

(19) avô Djalma;

(20) [...] ao Fleury, ao Marquezelli [...] e a nossa cabocla Jurema;

(22) Pedro Henrique, Pedrão.

Entretanto, quando se concentra especificamente nos indivíduos envolvidos no caso Mensalão, a divisão nominativa proposta por Jefferson ganha contornos ainda mais representativos, tendo em vista a intenção do ex-deputado de relacionar “culpados e inocentes” em sua defesa. A partir do fragmento (24), ao trazer o relatório do Conselho de Ética da Câmara dos Deputados ao discurso, salvo em denominações consagradas como “Presidente Lula” e “Marcos Valério”, Jefferson traça uma linha de nomeações mais formais, com o uso do pronome de tratamento ou a indicação de cargo

(29) Sr. Silvinho Pereira;

(30) Sr. Maurício Marinho;

(32) Sr. Rogério Buratti, Ministro Palocci;

(35) Deputado Arlindo Chinaglia;

(36) Ministro Aldo Rebelo.

e o usos menos formais

(41) Mas falei ao Ciro, com lealdade [...] Estava acompanhado do José Múcio. Conversei com eles.

A demonstração de distanciamento ou proximidade combina precisamente com a defesa de inocência ou a indicação de culpa: figuras como Sílvio Pereira, Arlindo Chinaglia e Antônio Palocci, todos membros do PT, eram alvos constantes das acusações de Roberto Jefferson; na outra margem, personagens como José Múcio, do PTB, posicionavam-se publicamente pela defesa de Jefferson, fato comprovado pelo agradecimento de Jefferson a Múcio neste discurso de defesa (20).

Outro ponto relevante no campo das nomeações é o tratamento dado por Roberto Jefferson ao ex-ministro da Casa Civil no governo Lula, José Dirceu. Ao longo do discurso de defesa, Jefferson utiliza seis denominações diferentes para fazer referência a Dirceu:

(36) Ministro José Dirceu;

(36) José Dirceu (sem a informação de cargo);

(40) Ministro (sem a complementação de nome);

(40) Zé;

(54) Sr. José Dirceu;

(60) Zé Dirceu.

Entre todas as ocorrências, a mudança de denominação é mais representativa em (40), quando Jefferson utiliza três tratamentos diferentes para Dirceu em um curto intervalo, em uma modificação que pode ser relacionada à perda do poder do ex-ministro no governo. Assim, o “José Dirceu”, “Ministro” de referência do governo Lula, perde força e se transforma apenas em “Zé” no discurso do deputado petebista, em recurso afetivo que também pode ser vinculado à posição de fragilidade que Jefferson e Dirceu passam a ter na cena política daquele momento, gerando certo clima de proximidade do primeiro em relação ao segundo. É o movimento lexical contrário de *A terceira margem do rio*, de Guimarães Rosa, quando o esposo, ao anunciar o adeus, ouve a esposa esbravejar: “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!”<sup>54</sup>.

Outra coisa que o José Dirceu me falou - mas estou vendo que ele está perdendo, agora que deixou de ser Ministro - é que, em O Globo, ele acertava por cima. Estou vendo que o Zé está começando a ser escanteado pelo jornal, que já percebeu que ele não é mais poder.

No caso do relator do processo de cassação, Jairo Carneiro, a quem Jefferson critica devido às acusações registradas no relatório, a tática nominativa não é a formalidade, mas a desqualificação do relator, primeiro com o uso da expressão (25) “relatório daquele moço”, sem a indicação de qualquer nome, e, posteriormente, com os registros (43) “primo da D. Carmen”, em referência a supostos escândalos de nepotismo envolvendo o relator, e (43) “Seu Carneiro”, com o uso da partícula “Seu” com intenção distinta do tratamento cerimonioso. O nome de Jairo Carneiro é citado apenas no fragmento (40), momento em que Roberto Jefferson adota tom mais agressivo em seu discurso.

---

<sup>54</sup> ROSA, João Guimarães. *A terceira margem do rio*. In: **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Na última parte de sua exposição, Roberto Jefferson mantém o distanciamento no tratamento dos personagens elencados no discurso, fato que pode ser explicado pela série de acusações proposta pelo ex-deputado neste momento discursivo, posicionando-se mais como acusador e menos como defensor de si ou de seus aliados. São citações de Jefferson:

(47) Deputado Valdemar Costa Neto (responsável pela proposição do processo de cassação);

(54) D. Katia, Presidente do Banco Rural.

Ainda assim, na finalização do discurso, Roberto Jefferson procura o tom conciliatório com os membros do Poder Legislativo, ao apontar que o foco da corrupção não está no Congresso, mas no Planalto e nas figuras do Poder Executivo. A defesa de um Legislativo condenado injustamente pela opinião pública e a necessidade de conquistar votos contrários à cassação é que levam Jefferson a uma última e comum caracterização:

(65) Somos a Geni do Brasil (em clara referência à música *Geni e o Zepelim*, de Chico Buarque).

### 3.2.2 Estratégia 2: qualificativos

A lógica das nomeações presentes no discurso de Roberto Jefferson é completada e ampliada pelo uso de itens lexicais qualificativos, que registram precisamente as variações comportamentais presentes na retórica do deputado. Na abertura do discurso, em tom brando e emotivo, os personagens referenciados por Jefferson recebem qualificações afetuosas, sejam membros da família, sejam aliados políticos e profissionais. Consequentemente, seguem a mesma forma qualificativa a avó,

(3) Um jequitibá

e a esposa,

(3) amiga, guerreira, conselheira

mas também as colegas parlamentares,

(3) nossa irmã e amiga;

(4) queridas

além das mulheres que se relacionam diretamente com o ex-deputado

(6) querida [...] amiga;

(8) companheira [...] fraterna, querida, leal [...] silenciosa, observadora, mas amiga e leal.

Jefferson não demonstra preocupações com o excesso de qualificativos ou o tempo que os elogios tomarão no discurso, como em

(11) Agradeço a Ana Lúcia, minha companheira, sua meiguice, ternura, doçura, paciência, serenidade e o amor que me devota.

Além dos recursos adjetivos, as citações de Jefferson são preenchidas por qualificativos de posse, que valem para cidades, personalidades religiosas, pessoas públicas

(12) minha cidade de Petrópolis [...] Ao meu amigo Padre Jac [...] Vereador Vadinho, meu irmão.

e familiares

(19) A meu filho, Roberto Jefferson Filho [...] A Marcus Vinícius, meu genro.

Percebe-se um uso acentuado dos possessivos em relação às figuras masculinas na fala de Jefferson, que se prolonga inclusive no momento de transição do discurso, principalmente em relação a políticos próximos ao ex-deputado:

(20) Ao meu irmão Capixaba, amigo querido;

(21) meu amigo José Carlos Martinez, que foi Presidente do PTB;

(22) Ari, meu amigo especial da Liderança; Totó Queiroz, meu irmão, de Paraíba do Sul.

Além dos indicativos de posse, são constantes no discurso indicações de determinados graus de proximidade com as personalidades políticas, quebrando definitivamente as marcas do distanciamento esperado na vida pública com o uso da qualificação possessiva e pessoal: o político se esvazia no “meu irmão”,



“meu amigo”, “meu amigo especial” e “meu companheiro” (22), e a busca de proximidade e intimidade torna-se o primeiro passo do homem cordial.

Quando começa a analisar as denúncias apontadas no processo de cassação, o discurso de Roberto Jefferson sofre considerável quebra, fato evidenciado inicialmente pelos usos lexicais que desqualificam o relator

(27) Mesquinha a colocação, pequena, da altura de um homúnculo

e pela crítica ao primeiro dos personagens do escândalo, Maurício Marinho

(29) um boquirroto chamado Maurício Marinho

A desqualificação também vale para o jornal *O Globo*,

(34) famoso jornal [...] que escreve com letrinha miudinha essas coisas.

Neste registro, tanto “famoso jornal” como “letrinha miudinha” apresentam tom de ironia, demonstrando a transformação do léxico elogioso e afetivo em ferramenta crítica para o deputado cassado, em recurso que se repete em relação ao relator (43) (“ele é o campeão da ética”).

O terceiro momento do discurso de Roberto Jefferson é marcado por um uso lexical culto e metafórico, com sentido fortemente agressivo. Os termos qualificativos nesta etapa do discurso mostram a troca da ironia pelo ataque por parte de Jefferson, que promove um derradeiro mapeamento dos verdadeiros culpados pelo escândalo do Mensalão. O primeiro acusado pelo deputado, o ex-ministro José Dirceu, é qualificado como “o rufião do Planalto”, responsável por alugar deputados — as “prostitutas” do discurso — transformando a Câmara dos Deputados em um “prostíbulo” (48). A ruptura qualificativa aqui é notável: O “Sr. Presidente, Srs. Deputados” do início de (48) e as “prostitutas” do final do trecho referem-se aos mesmos sujeitos. A qualificação apelativa pode ser entendida como um recurso de comoção dos deputados, em mais uma tentativa de transportar a culpa pelos atos ilícitos do Legislativo para o Executivo.

Ao olhar para a cúpula do Executivo, Roberto Jefferson conceitua Lula como “malandro, preguiçoso” (50), mas não se demonstra seguro do ataque direto ao ex-presidente, posição comprovada pelo conjunto lexical

(50) Se ele não praticou o crime por ação, pelo menos por omissão

Para Jefferson, Lula era o “rei” em seu “tabuleiro”, mas enfrentava uma crise que derrubava “os peões [...] os cavalos, os bispos” (60).

Na conclusão do discurso, Roberto Jefferson abandona os itens nominativos, concentrando-se apenas em qualificar negativamente os seus acusados, em uma mistura de abstração e agressividade que parece eximir o deputado da responsabilidade direta pelo discurso. Coincidentemente ou não, é nesta fase que Jefferson dispara seu aparato lexical com mais força:

(56) Rato Magro (repetido por três vezes no fragmento);

(59) proxenetas de partido; rufiões de sonhos; cafetões da dignidade do Congresso”;

E novamente

(63) Rufiões da Pátria! Proxenetas do Parlamento!

Após a série de referências ao Governo, como artifício de conclusão do discurso, Jefferson volta-se para a qualificação da situação vivida pelo Congresso com a seguinte expressão:

(73) Pegamos a maçã envenenada que o Governo colocou no meio da mesa dos deuses, porque aqui não tem índio, só tem cacique, e estamos vivendo uma hora fraticida.

Os termos “mesa dos deuses”, com referência ao Parlamento, e “estamos vivendo uma hora fraticida”, em qualificação final do ambiente político do momento, mostram um Jefferson novamente interessado aproximar-se cordialmente dos deputados (o item lexical verbal conjugado na 1ª pessoa do plural é o maior indício deste movimento) para a tentativa de absolvição, que não ocorreu.

Quando são novamente associados no discurso de Roberto Jefferson, os termos nominativos e qualificativos parecem não deixar dúvidas de uma organização discursiva em que se misturam elementos afetivos e agressivos, formais e informais, pessoais e particulares, tornando o discurso marca visível da confusão entre aspectos públicos e privados, da mistura e do uso planejado dos dois níveis.

De uma perspectiva familiar, em resgate dos valores “da casa”, Jefferson passa à análise de sua situação política, mas o quadro afetivo continua vivo no homem público, marcando o discurso do deputado em trechos como

(62) Essa gente não ama o ser humano, eles amam a abstração jurídica, um estado ideal que eles sonham e odeiam todo ser humano que se conflita com esse ideal de estado que eles nutrem no seu coração e embalam.

O período, proferido já em momento avançado do discurso, tem maior significação por ser antecedida de um longo momento de explanação afetiva, comprovada pelas opções lexicais da defesa de Jefferson. Para o ex-deputado, a “abstração jurídica” não poderia ser o guia de uma sociedade democrática, e sim o amor e as decisões vindas coração. Entretanto, como o discurso demonstra, o amor de Jefferson é reservado àqueles que o defendem e que fazem parte de seu círculo pessoal; Jefferson mostra-se adepto da máxima “Aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei”, posição já indicada por Castro (1998, p. 153) como típica do homem cordial.

Ao retomar o universo cordial presente do discurso de Roberto Jefferson, parece-nos ponto pacífico a percepção de fortes marcas da cordialidade especialmente no primeiro momento da defesa, quando o deputado cassado “presta homenagem” a familiares, políticos e outras figuras aliadas. Colocando-se em um dos locais de maior visibilidade pública do país — o púlpito do Plenário central da Câmara dos Deputados — Jefferson apresenta longa lista de figuras por quem nutre afeto, sentimento demonstrado pelo léxico nominal (Laurinha, Verinha, Vadinho, Pedrão) e pelo léxico qualificativo e de posse (minha companheira, meu irmão, meu amigo especial). Não fosse a eventual indicação de cargo ou parentesco prestada pelo ex-deputado, poderíamos afirmar que todas as referências dizem respeito a uma grande família; as menções aos títulos apenas demonstram a quantidade de laços fraternos forjados na vida pública do ex-deputado. Neste ponto, o uso do léxico, associado ao aspecto contextual, não deixa margem para dúvidas: estamos diante de um discurso cordial.

Todavia, há um segundo nível de interpretação cordial possível ao discurso, potencializado pela quebra do cerimonial elogioso e íntimo e a adoção de uma posição mais formal, que não deixa de transmitir afetividade, mas em uma

perspectiva mais agressiva, espécie de reação violenta às acusações que levariam Jefferson à cassação. É que, conforme apontamos reiteradas vezes ao longo deste estudo, constitui-se como parte do aparato de movimentos cordiais a contínua navegação entre o público e o privado e, relembramos, o homem cordial “[...] desconhece a moderação de regras impessoais baseadas na divisão das esferas de sociabilidade pública e privada. Ou seja, tanto pode ser muito violento quanto muito cordato, tanto muito amoroso quanto rancoroso ao extremo” (ROCHA, 1998, p. 26). Este lado obscuro da cordialidade, tão caro ao conceito de Sérgio Buarque de Holanda, faz-se presente no campo lexical de transição e na segunda parte do discurso de Jefferson, ao buscar distanciamento estratégico dos demais personagens supostamente envolvidos no Mensalão (“Sr. Maurício Marinho”, “Sr. Silvinho Pereira”, “Ministro Palocci”), tratando-os de forma pejorativa (“Rato Magro”; “proxenetas de partido”).

Desta forma, em seu discurso, Roberto Jefferson permite-se caminhar da representação mais afetuosa (“Laurinha”) ao nominativo mais formal (“Sr. Rogério Buratti”), e da qualificação mais íntima (“fraterna, querida, leal”) à mais agressiva (“cafetões da dignidade do Congresso”). Não obstante o fato de que o “léxico agressivo” também representa uma espécie de faceta cordial, parece-nos ainda mais notável a mistura entre os dois níveis de discurso e de campo lexical, registrando-se aí a verdadeira cordialidade presente na língua, efetiva ferramenta à serviço da personalidade cordial.

A presença de dois campos lexicais em uso concomitante representa o retorno definitivo à teoria de Sérgio Buarque de Holanda, que buscou a caracterização da cordialidade em seu traço duplo, mistura de lhaneza e violência, oposição viva e fundadora do homem cordial. O apontamento de um léxico cordial apenas no primeiro momento do discurso não tornaria inválida a comprovação da cordialidade, mas, conceitualmente, ela estaria mais ligada às proposições de Gilberto Freyre, do “brasileiro cordial e gentil”, que à teoria de Holanda. O homem cordial buarqueano navega em todos os momentos do discurso, da afetividade à agressividade, tratando ambas como estratégia — neste caso, estratégia de defesa e de comoção.

Esse é, portanto, mais um dos significados extraídos de *Raízes do Brasil*: o homem cordial ainda reside ao nosso lado, dentro de nós mesmos, e sua expressão é prova cabal de sua existência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aproximações elaboradas neste estudo entre recursos linguísticos, principalmente os lexicais, e a personalidade cordial brasileira representam, sem dúvida, uma tentativa de demonstrar a atualidade do conceito desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda, em movimento contrário ao que o próprio autor defendia quando previu a extinção do homem cordial, na medida em que fosse superada a organização agrária e patriarcal da sociedade brasileira.

Antes de promover a análise linguística, a pesquisa buscou comprovar a existência da cordialidade como traço de personalidade presente na cultura nacional, nascida em um país de outros tempos, mas que continua a existir no brasileiro contemporâneo. Essa demonstração foi elaborada ao longo da apresentação geral de *Raízes do Brasil*, com suas origens, suas temáticas principais e seu impacto na cultura e na intelectualidade brasileira, e com as discussões em torno do conceito de homem cordial, tipo sociológico central na obra de Sérgio Buarque de Holanda.

Uma das principais dificuldades de entender o homem cordial sob o ponto de vista de Holanda é enxergar o caráter ambíguo deste traço comportamental do brasileiro, mascarado pela significação positiva que normalmente leva o termo “cordial”, principalmente após o posicionamento elogioso de Gilberto Freyre. Exatamente por essas confusões terminológicas é que o próprio Sérgio Buarque de Holanda indicava que talvez o termo “cordial” não fosse a melhor ilustração do seu conceito: em carta escrita a Cassiano Ricardo, Holanda reconhecia, em relação ao uso da expressão “cordial” para retratar essa ambiguidade comportamental brasileira, que “se dela me apropriei foi na falta de melhor” (RICARDO, 1948 *apud* GROFF, 2007, p. 49). Este fato, todavia, não anula as bases fundadoras e as consequências da cordialidade no modo de vida brasileiro.

Após a caracterização do homem cordial brasileiro, buscou-se a apresentação de dados linguísticos relacionados ao sujeito sociológico. Essa relação foi demarcada com o uso da Linguística, para demonstrar que a análise de dados na língua viva possibilita o acesso às formas de representação mental presentes no falante, permitindo ao estudo a reunião de dados linguísticos que nos remetessem à personalidade cordial do brasileiro, além da apresentação da

seleção lexical como método principal de estudo do *corpus*, antecipando principalmente a perspectiva de estudo do discurso de Roberto Jefferson através das escolhas lexicais empregadas no discurso.

As marcas linguísticas do homem cordial foram registradas desde Sérgio Buarque de Holanda, que adentrou no campo linguístico com o exemplo do uso irrestrito da sufixação *-inho* no português brasileiro. Gilberto Freyre aprofunda essa associação, demonstrando o nascimento e consolidação dos usos diminutivos na relação entre grupos de poder e grupos menos favorecidos, sempre com o segundo grupo a desejar o estreitamento íntimo com o primeiro. Ainda no campo da interação entre grupos distintos, Freyre destaca as mudanças de cliticização pronominal em relação ao português europeu, fundadas pelas novas formas de convívio em terras americanas. O aparecimento do pronome pessoal oblíquo “me” em posição proclítica, portanto, refletiria essa mudança que, apesar das possíveis explicações puramente linguísticas, encontra na variação comportamental um aliado a ser considerado nas observações sobre a linguística do homem cordial. Neste ponto, levantamos a importância do aspecto contextual na análise das formas linguísticas cordiais, pressupondo que as manifestações de cordialidade têm um fundamento estratégico e são operadas com o auxílio da língua.

Os apontamentos elaborados por Rocha (1998) sobre o campo literário e as manifestações de cordialidade representam material valioso para esta pesquisa, por apresentarem relações cordiais perceptíveis no privilegiado léxico dos literatos. Assim é que o diplomata Magalhães de Azeredo fala de “um livro feito com amor” e espera obter “juízo sincero dos competentes, mesmo que eles sejam um pouco severos”. É a atitude cordial, nascida pelo interesse de visibilidade no meio intelectual, comprovado pela seleção e arranjo cuidadoso das palavras. Os dados reunidos até este ponto respondem a primeira questão levantada pela pesquisa: *quais são os elementos linguísticos que evidenciam a personalidade cordial do brasileiro?*

Em sua principal tentativa de contribuição científica, este trabalho buscou no discurso de defesa do ex-deputado Roberto Jefferson as formas de expressão da mentalidade cordial, tomando como critério o léxico utilizado pelo deputado cassado, assemelhando-se neste ponto à análise do meio literário promovida por

João Rocha. Através da descrição dos registros nominativos e qualificativos, o discurso mostrou-se composto por dois campos lexicais principais. O primeiro é dominado pelo sentido de intimidade e afetividade — é nele que se encaixam as expressões (3) A minha avó Petiza, força vital; (5) minhas colegas Deputadas: Elaine, Edna e Kelly. Obrigado a vocês, queridas; (12) Vereador Vadinho, meu irmão. A configuração deste campo lexical denuncia inicialmente os movimentos da cordialidade, ao agrupar em uma “grande família” indivíduos ligados a Jefferson por relações parentais, profissionais e políticas, derrubando as marcas de polidez e distanciamento esperadas na vida pública.

O segundo campo é marcado pela agressividade, ao mesmo tempo formal e pejorativa, em relação direta com a tentativa de desqualificação dos acusadores de Roberto Jefferson e, conjuntamente, de ataque aos “verdadeiros culpados” pelo escândalo do Mensalão. A estratégia deste momento do discurso é comprovada pela radical modificação lexical, tanto em relação às denominações efetuadas — (32) Ministro Palocci; (36) Deputado Arlindo Chinaglia — quanto no tocante aos qualificativos empregados — (56) Rato Magro; (59) cafetões da dignidade do Congresso. Ainda em relação à mudança de léxico, chamam a atenção as diferentes denominações relacionadas a José Dirceu no discurso, descrito do formal “Ministro José Dirceu” ao informal “Zé”, com outros nomes “gradativos”, todos relacionados à perda de força política de Dirceu e à proximidade contextual do ex-ministro da Casa Civil a Roberto Jefferson, o que explica as diferentes aplicações dos nomes.

Retomando a segunda das questões propostas: *quais elementos linguísticos do discurso de Roberto Jefferson demonstram a cordialidade na cena política brasileira*, fazem-se necessários alguns apontamentos. A defesa desta pesquisa é a de que a identificação da personalidade cordial supera, no caso do discurso de Roberto Jefferson, a escolha de apenas um “campo lexical cordial”, o que excluiria o outro por implicação direta. A verdadeira cordialidade deste discurso reside no uso duplo e contínuo dos dois campos lexicais, habilitados como estratégia de defesa contra as acusações que ligavam Jefferson ao Mensalão e de comoção dos deputados para sua absolvição. Esse postulado, demonstrado pelas escolhas lexicais de Roberto Jefferson ao longo do discurso, é o que mais se aproxima do conceito-base deste trabalho, delimitado por Sérgio Buarque de Holanda, do homem cordial ambíguo, com evocações emotivas opostas e



complementares, “que não precisam ser legítimas para se manifestarem” (HOLANDA, 2011, p. 147). Já a perspectiva de Gilberto Freyre, por exemplo, que aponta para um tipo de cordialidade gerada apenas pelos sentimentos positivos, pela miscigenação e pelo bom mulato, tem relação principal com o primeiro momento do discurso de Roberto Jefferson, de traço afetivo e familiar. A teoria buarqueana compreende o fundo afetivo e o aspecto familiar, mas encontra na reação agressiva e na mistura dos códigos públicos e privados parte fundamental da “máscara cordial”, esta sim presente em todos os momentos do discurso, em sentido semelhante ao apontado por Alkmin (2008, p. 122):

A máscara da cordialidade é, pois, uma forma de defesa que permite ao indivíduo transitar com mais desenvoltura [...] entre o público e o privado, entre a razão e a emoção, entre a formalidade e informalidade, entre a cabeça e o coração, entre o Estado e a família. Um disfarce, uma arma, uma peça de resistência.

Os resultados encontrados por esta pesquisa, microcosmo de uma temática bastante abrangente, suscitam outras linhas de investigação. Mostram-se possíveis, em nível semelhante, estudos de formas de expressões cordiais em meios distintos do mundo político e em outras situações de convívio e relacionamento, na busca do uso linguístico em contextos cordiais e da formação de um “léxico cordial” mais amplo. Em nível mais universal, seriam plausíveis investigações comparativas de contextos semelhantes em culturas distintas, como em discursos políticos de países diferentes, por exemplo, objetivando a compreensão do quanto a cordialidade é marca única da cultura nacional. Coube-nos, momentaneamente, unir a língua às manifestações do homem cordial brasileiro, demonstrando que as formas de expressão representam um dos mecanismos de comprovação da personalidade cordial — viva, em maior ou menor grau, em cada filho da nação dos homens cordiais.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIN, Gustavo Tadeu. **O Homem Cordial e o Homem Traduzido: a modernidade na Cena Pós-moderna**. Rio de Janeiro, 2008. 216 p. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- AMADO, Jorge. **ABC de Castro Alves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Histórias sem data**. São Paulo: Globo, 1997.
- AVELINO FILHO, George. As raízes de Raízes do Brasil. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 18, p. 33-41, set. 1987.
- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6.ed. v.2. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.
- \_\_\_\_\_. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- COSTA, Álvaro Antônio Prazeres da. **Tipos ideais em Raízes do Brasil**. Recife, 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp129533.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2012.
- CUENCA, Maria Josep; HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel, 2007.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva.** São Paulo: Contexto, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 51.ed. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano.** 5.ed. 2t. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

GROFF, Luiz Homero. **Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda como polo de relações de intertextualidade.** Santa Cruz do Sul, 2007. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Santa Cruz do Sul.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

IANNI, Octavio. Tipos e mitos do pensamento brasileiro. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, nº 7, p. 176-187, jan/jun 2002. Disponível em <<http://www.scielo.com>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do Léxico: brincando com as palavras.** São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Cortez, 1984.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1996.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAUAND, Jean. A linguagem esconde-revela o brasileiro. **Língua Portuguesa.** São Paulo, v.6, n.70, p. 14-17, ago./2011.

LEAL, Bruno Souza. Comunidades cordiais? *In*: ROCHA, J. C. C. (Org.). **Cordialidade à brasileira**: mito ou realidade? Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

LIMA, Carlucci Medeiros de Souza. **Da posse ao “mensalão”**: aspectos linguísticos do discurso político de Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência da República. Belo Horizonte, 2009. 104p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais.

LIMA, Mário Hélio Gomes de. Cordialidade canibal. *In*: ROCHA, J. C. C. (Org.). **Cordialidade à brasileira**: mito ou realidade? Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

LUANDOS, Artur Rega. **O Congresso Nacional no século XXI**: os efeitos da corrupção sobre a representação política. São Paulo, 2009. 279p. Dissertação (Mestrado em Direito). Universidade Presbiteriana Mackenzie.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MATOS, Júlia Silveira. **Sérgio Buarque de Holanda**: Raízes do Brasil, diálogos com a política e a história do Brasil (2005, tese de mestrado).

MELLO, Evaldo Cabral de. Raízes do Brasil e depois. *In*: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MENDES, Emília. A vida privada na defesa da vida pública: o caso de Roberto Jefferson. **Stockholm Review of Latin American Studies**, n. 2, nov. 2007, p. 47-61. Disponível em: <<http://www.lai.su.se>>. Acesso em: 17 maio 2012.

MONTEIRO, Pedro Meira. O homem cordial e o poder – um comentário a partir de Entreatos, de João Moreira Salles. *In*: ROCHA, J. C. C. (Org.). **Cordialidade à brasileira**: mito ou realidade? Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

NUNES, Jairo M. Direção de Cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. *In*: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A.

**Português Brasileiro:** uma viagem diacrônica. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

PAGOTTO, Emílio G. Clíticos, mudança e seleção natural. *In:* ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. **Português Brasileiro:** uma viagem diacrônica. 2ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

PEREIRA, Deize Crespim. **Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista:** uma abordagem funcionalista e cognitivista. São Paulo, 2007. 351 p. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA. Lucie. **Tratado da argumentação.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português.** 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.

PONTES, Herimatéia Ramos de Oliveira. **Discurso, corrupção e a construção de identidades sociais na política brasileira:** um estudo de caso. Recife, 2010. 340p. Tese (Doutorado em Letras/Linguística). Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco.

RIBEIRO, João. **A língua nacional e outros estudos linguísticos.** Petrópolis: Vozes, 1979.

ROCHA, João Cezar de Castro. O nada que é tudo. Ou: a cordialidade nossa de cada dia. *In:* \_\_\_\_\_. (Org.). **Cordialidade à brasileira:** mito ou realidade? Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Literatura e cordialidade:** o público e o privado na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português.** 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. *In:* **Primeiras Estórias.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. Cordialidades austro-brasileiras. In: **Cordialidade à brasileira**: mito ou realidade? (2005, ensaio de livro).

SILVA, Augusto Soares da. Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, Vol. 1, p. 59-101, 1997.

SOUZA, André Luiz Elias de; CARDOSO-MARTINS, Cláudia. A aquisição da morfologia de verbos regulares no português brasileiro: uma abordagem da lingüística cognitiva. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, vol.23, n.1, p. 131-140, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 01 abr. 2012.

TEIXEIRA, Jerônimo. Quem somos nós? (Alguns equívocos cordiais). In: ROCHA, J. C. C. (Org.). **Cordialidade à brasileira**: mito ou realidade? Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

WERNECK, M.H. **O homem encadernado**: Machado de Assis na escrita das biografias. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996.